

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

GILCINEA MARIA NUNES COSTA MANDU

TRABALHANDO E VIVENCIANDO A IDENTIDADE E A PLURALIDADE CULTURAL
NA ESCOLA NOSSA SENHORA DO BOM CONSELHO – PRINCESA ISABEL – PB.

PRINCESA ISABEL – PB
2014

GILCINEA MARIA NUNES COSTA MANDU

TRABALHANDO E VIVENCIANDO A IDENTIDADE E A PLURALIDADE CULTURAL
NA ESCOLA NOSSA SENHORA DO BOM CONSELHO – PRINCESA ISABEL – PB.

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviços Públicos do Estado da Paraíba, em cumprimento a exigência para a obtenção do grau de especialista.

Orientador: Ms. Nivaldo Rodrigues da Silva Filho

PRINCESA ISABEL – PB
2014

TRABALHANDO E VIVENCIANDO A IDENTIDADE E A PLURALIDADE
CULTURAL NA ESCOLA NOSSA SENHORA DO BOM CONSELHO

Monografia apresentada ao curso de
Especialização Fundamentos da Educação:
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da
Universidade Estadual da Paraíba em
conjunção com a Secretaria de Educação
Estado da Paraíba em cumprimento à
resolução para obtenção do grau de
mestrado.

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M273t Mandú, Gilcinéa Maria Nunes Costa
Trabalhando e vivenciando a identidade e a pluralidade
cultural na Escola Nossa Senhora do Bom Conselho [manuscrito] :
/ Gilcinéa Maria Nunes Costa Mandú. - 2014.
49 p. : il. color.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual
da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à
Distância, 2014.

"Orientação: Prof. Me. Nivaldo Rodrigues da Silva Filho,
Departamento de Educação".

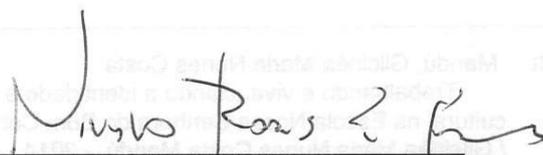
1. Identidade. 2. Pluralidade. 3. Pedagogia de projeto. I.
Título.

21. ed. CDD 306.4

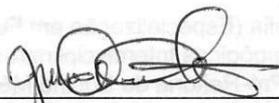
GILCINÉA MARIA NUNES COSTA MANDU**TRABALHANDO E VIVENCIANDO A IDENTIDADE E A PLURALIDADE
CULTURAL NA ESCOLA NOSSA SENHORA DO BOM CONSELHO – PI/PB**

Monografia apresentada ao curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba em convênio com a Secretaria de Educação Estado da Paraíba em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

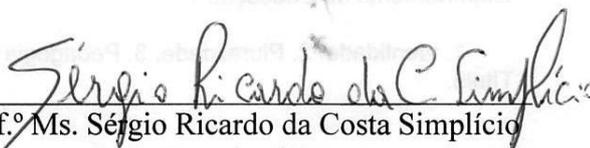
Aprovada em 26 de julho de 2014



Prof.º Ms. Nivaldo Rodrigues da Silva Filho
Orientador



Prof.º Ms. Jurani Clementino Oliveira
Examinador



Prof.º Ms. Sérgio Ricardo da Costa Simplicio
Examinador

A vocês meus filhos, luz da minha vida, razão do meu viver estes anjos enviados por Deus, que alegram meus dias, encorajam-me a lutar em busca de um futuro promissor.

DEDICO...

AGRADECIMENTOS

A Pereira, coordenador do curso de Especialização, por seu empenho.

Ao professor Dr. Nivaldo Rodrigues da Silva Filho pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

A minha mãe e meu pai, por quem tenho grande admiração e amor, com quem construo e aprendo todos os dias, porque foi com certeza os meus primeiros mestres.

Ao meu esposo, pelo carinho e amor, que me aquece a alma, me anima e me impulsiona a um caminhar constante, na busca de novos conhecimentos e de novas possibilidades.

Aos Professores do Curso de Especialização da UEPB, em especial, Jurani, Nivaldo, Sérgio, Murilo, que contribuíram ao longo desses meses, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos funcionários da UEPB, Pereira, Emanuel, Rivaldo e Cícera, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de Classe pelos momentos de amizade e apoio.



“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, também podem ser ensinadas a amar”.

Nelson Mandela

RESUMO

A pesquisa monográfica expõe a necessidade de a escola mudar a sua didática e rever seus (pré) conceitos em relação à forma como vem sendo trabalhada a pluralidade e identidade cultural em todo ambiente escolar e em especial na sala de aula, visto que na contemporaneidade, novos temas, focos de abordagem precisam ser incluídos no currículo, a exemplo da diversidade cultural, como um todo. A instituição escolar escolhida foi a Escola Estadual Nossa Senhora do Bom Conselho por ser a maior escola da cidade e ter uma diversidade maior de alunos, oriundos de diversas partes como o campo, as periferias, cidades circunvizinhas, e outros. A problemática surge da vivência de situações existentes dentro da instituição. Então o corpo docente e administrativo ambos em consonância, resolveram mudar a prática docente para ver se revertia esse quadro de exclusão por parte de seus próprios alunos. Foi através da pedagogia de projetos que as mudanças começaram a surgir. Trata-se de uma Pesquisa de campo em que o método utilizado foi o descritivo por meio de pesquisas, relatos (como coletou tais relatos? Como analisou tais relatos?) com professores, alunos sobre as aulas ministradas na Escola Estadual de Educação Básica Nossa Senhora do Bom Conselho. Como referencial teórico se pautou em Demo (2008), Libâneo (2004), Gadotti (2000), Gomes (1999), Martins (1998), dentre outros que fazem reflexões acerca da constituição histórica e discursiva de conceitos como diversidade, identidade, tolerância, pluralismo e cultura, sendo este último um tema essencial na esfera educacional. Após os trabalhos realizados através dos Projetos vivenciados em todas as séries que compõe a escola, constatou-se que o tema diversidade deve ser bem trabalhado na instituição de ensino. Portanto, o grande desafio da escola contemporânea é desconstruir seus (pré) conceitos e repensar o currículo, entendendo este como um elemento importante para construção de novas identidades.

Palavra-chave: Identidade. Pluralidade. Pedagogia de projeto

ABSTRACT

A monographic study exposes the need for the school to change its teaching and reviewing their (pre) concepts in relation to the work as it has been the plurality and cultural identity throughout the school environment and in particular in the classroom, as in contemporary times, new themes, foci of approach need to be included in the curriculum, such cultural diversity as a whole. The school chosen was the State School Our Lady of Good Counsel for being the largest school in the city and have a greater diversity of students from different parts of the country as the outskirts, neighboring cities, and diamonds. The problem arises from the experience of existing situations within the institution. So the teaching and administrative staff both in line, decided to change teaching practice to see if reversed this situation of exclusion from their own students. It was through the pedagogy of projects that the changes began to emerge. This is a search field that the method used was descriptive through research, reports (such as reports hoarded How examined such reports?) With teachers, students on classes taught at the State School of Basic Education Our Lady of Good Counsel. As a theoretical framework was based on Demo (2008), Libâneo (2004), Gadotti (2000), Gomes (1999), Martins (1998), among others that make reflections on the historical and discursive constitution of concepts such as diversity, identity, tolerance , pluralism and culture, the latter being a key theme in the educational sphere. After the work done through the Project experienced in all series that make up the school, it was found that the diversity theme should be well worked in the educational institution. Therefore, the major challenge of contemporary school is to deconstruct their (pre) concepts and rethinking the curriculum, understanding this as an important element in the construction of new identities ..

Keyword: Identity. Plurality. Pedagogy Project

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. A ESCOLA PÚBLICA DIANTE DA CONTEMPORANEIDADE E A DIVERSIDADE	13
1.1 A diversidade no contexto da escola hoje	16
1.2 A diversidade cultural.....	19
1.3 Pedagogia de projetos.....	21
2. A IDENTIDADE INSTITUCIONAL DA ESCOLA BOM CONSELHO.....	25
2.1 Caracterização da escola.....	27
2.2 Breve histórico da Escola.....	29
3. AÇÕES REALIZADAS PELA INSTITUIÇÃO ESCOLAR.....	32
3.1 Um dos Projetos realizados na escola.....	34
3.2 Ações e vivência do projeto.....	36
3.3. Estratégias utilizadas para realizar as observações.....	38
3.3.1 Entrevista individual com alunos.....	39
3.3.2 Visão dos professores sobre as discriminações.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46
ANEXOS.....	49

INTRODUÇÃO

A escola atualmente se depara com novos desafios, entre eles, o de estabelecer condições mais adequadas para atender a diversidade dos indivíduos que dela participam. Assumir, compreender e respeitar essa diversidade é requisito para orientar a transformação de uma sociedade tradicionalmente pautada pela exclusão. Para alcançar essa qualidade na educação, há a necessidade de renovar toda a estrutura educacional.

O contexto atual da educação debate sobre uma escola preparada para proporcionar um ensino de qualidade, respeitando a heterogeneidade e a individualidade da comunidade escolar. Uma escola que proporcione educação de qualidade para todos, visto que todo ser humano tem a capacidade de aprender de acordo com seus interesses e seu ritmo.

As propostas educacionais abordadas nesta pesquisa colocam-se na perspectiva de ação pela melhoria da escola. Trata-se de propostas inovadoras de transformação para torná-la um espaço para a formação de indivíduos capazes de elaborar e realizar seus projetos de vida. Tais propostas colocam os estudantes, desde cedo, no papel de definir, planejar, executar e avaliar projetos de seus interesses. A autonomia do estudante para elaborar e realizar seus projetos é acompanhada da participação como agente protagonista, que se constitui de forma aberta e democrática.

A relação da escola com os demais agentes da educação é de parceria e complementaridade no processo de produção do conhecimento que tem as crianças e os jovens como protagonistas, e as tecnologias de informação e comunicação são operacionalizadas como ferramentas de aprendizagem que contribuem para a concretização dos projetos. Nestas escolas, o papel prioritário do educador é o de orientador de itinerários da aprendizagem e também de inspirador e modelo de conduta.

A escola abordada é a Escola Estadual de Educação Básica Nossa Senhora do Bom Conselho localizada na cidade de Princesa Isabel na Paraíba que, há anos, mesmo diante dos problemas, resolveu ousar e, hoje, é reconhecida servindo como modelo para outras instituições que tiverem coragem de realizar uma “Revolução Educacional”. E, com a chegada de Maria Salomé Gomes como diretora, passou a viver suas transformações baseado nos projetos democráticos. Para a elevação do grau

de compromisso com o Projeto todos os segmentos da escola foram envolvidos, e uma gestão verdadeiramente democrática se instalou na instituição. A concepção democrática de escola respeita o educando como ser único que constrói seu aprendizado, e é capaz de encontrar a melhor maneira para construir seus conhecimentos. O professor nessa concepção é o mediador, que proporciona vários meios de aprendizagem, caminha junto, e interfere nas horas necessárias.

O objetivo principal é mostrar que a escola pode ser um caminho para uma escola para todos, que respeita a individualidade e trabalha com a heterogeneidade buscando a verdadeira qualidade do ensino e descrever o dia a dia, analisando sempre as metodologias e avaliações para que se possa romper paradigmas na área educacional tendo em vista que a instituição escolar não está preparada para proporcionar um ensino de qualidade para todos, mas que pode buscar inovar seus métodos e proporcionar um ensino de qualidade respeitando a heterogeneidade e a individualidade da comunidade escolar, sobretudo, refletindo e atuando numa perspectiva da pedagogia de projetos no contexto da diversidade cultural.

Trata-se de uma Pesquisa de campo em que o método utilizado foi o descritivo por meio de pesquisas, relatos (como coletou tais relatos? Como analisou tais relatos?) com professores, alunos sobre as aulas ministradas na Escola Estadual de Educação Básica Nossa Senhora do Bom Conselho. Tendo a obtenção de dados relevantes a pesquisa. Houve leituras específicas para embasamento teórico a respeito do tema em livros e em sites com o intuito de adquirir um conhecimento maior sobre os métodos inovadores e técnicas a que vem ajudar na elaboração do trabalho. Todas as informações são aceitas e repassadas para todos que se interessarem pelo assunto com a maior das veracidades.

Quanto à estrutura, o trabalho, para além da parte introdutória e da conclusão, encontra-se organizado à volta de três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado A escola pública diante da contemporaneidade e a diversidade, incide-se sobre a necessidade de se ter hoje uma escola que eduque para a pluralidade cultural, que perceba o outro como legítimo outro, o qual possui uma história, uma cultura. Isto como forma de compreender melhor os conceitos básicos que fazem parte do nosso trabalho, o que nos ajudou a delinear as bases teóricas do presente trabalho.

No segundo capítulo, ocupamos da questão sobre a identidade institucional da escola Bom Conselho, em que foi abordado a legalização da instituição respaldada em

documento que rege o andamento da escola, foi explicitado a caracterização geral e o histórico que é nascimento da escola pesquisada e analisada sobre a diversidade social e os desafios que trás para a sociedade, um espaço de diversidade cultural, mostrando a coexistência de varias culturas no contexto escolar e especificamente o trabalho realizado na sala de aula. Uma vez que, a escola é constituída por estudantes oriundos de diferentes locais, pertencentes a diferentes classes sociais, hábitos, costumes e religiões, com diferentes origens culturais, por esta razão a escolha deste tema para que possam desenvolver atividades relevantes a este assunto para que se possa dar oportunidade aos mesmos a respeitar, culturas, etnias ou religiões diferentes na sala de aula.

No terceiro capítulo, discorre-se sobre as Abordagens educativas face a diversidade cultural, em que se aborda através de um projeto de outros que a escola já trabalha em que mostra a educação multicultural e educação intercultural, e também o papel do professor em contextos de diversidade cultural.

Portanto o princípio da pluralidade cultural deve ser respeitado e estendido amplamente pela escola atual a fim de desfazer equívocos históricos e dar vazão a um ensino politicamente correto, democrático e acima de tudo ético. A escola – entre outras coisas - precisa definitivamente deixar de ser conservadora: justificar e reproduzir desigualdades, de enfatizar o conformismo social e de “ensinar” o desrespeito à diversidade cultural, via conteúdos e posturas formativas não integrativas.

1. A ESCOLA PÚBLICA DIANTE DA CONTEMPORANEIDADE E A DIVERSIDADE

Vive-se hoje em um tempo de globalização, tanto em relação à economia quanto as tecnologias e as informações que vêm se modificando constantemente e refletindo diretamente na cultura da sociedade. Estes progressos como os avanços na medicina, os computadores, meios de comunicação, meios de transporte..., facilitam a nossa vida, trazendo conforto e inovação. A educação por sua vez deve caminhar no mesmo ritmo, acompanhando os desenvolvimentos e trabalhando tendo como objetivo diminuir as desigualdades que surgem devido aos avanços, visto que há pessoas que ficam desprovidas dessas inovações. Para tanto, faz-se necessário proporcionar esses “confortos”, também para aqueles que não têm acesso, e a ponte mediadora entre essas diferenças é a escola.

Gadotti (2000, p 41) interroga-se quando fala: “que tipo de educação necessitam os homens e as mulheres dos próximos 20 anos, para viver este mundo tão diverso?” Com certeza, todos, necessita de uma educação para a diversidade, necessitam de uma ética da diversidade e de uma cultura da diversidade. Uma escola que eduque para a pluralidade cultural, que perceba o outro como legítimo outro, o qual possui uma história, uma cultura, uma etnia e que perceba a turma de alunos como heterogênea, visto que cada aluno possui um diferencial, pois provém de lugares, culturas e famílias distintas, apresentando ritmos diferentes para aprender, o que caracteriza a pluralidade no espaço escolar.

A Escola Estadual de Educação Básica Nossa Senhora do Bom Conselho precisa encontrar seu caminho para a diversidade, engajando o alunado no mundo das diferenças, preparando-os para ser legítimos cidadãos. Nas salas de aula há alunos de diversas culturas, o que requer dos professores um olhar diferenciado para seu planejamento, bem como para o currículo escolar, através de adaptações aos conteúdos e atividades desenvolvidas em sala de aula. Também é importante pesquisar a história dos alunos para que o conteúdo a ser estudado esteja de acordo com seus interesses e realidade.

Gadotti (2000, p. 56) acrescenta que somente uma educação multicultural pode dar conta desta tarefa.

A educação multicultural se propõe a analisar, criticamente, os currículos monoculturais atuais e procura formar criticamente os professores, para que mudem suas atitudes diante dos alunos mais pobres e elaborem estratégias instrucionais próprias para a educação das camadas populares, procurando, antes de mais nada, compreendê-las na totalidade de sua cultura e de sua visão de mundo.

A pluricultura é um fator de grande importância e que deve ser analisado no sistema de ensino, pois é a forma de mostrar aos alunos que existem muitas culturas além da que eles estão acostumados a ver. Também devido ao fato de proporcionar uma formação mais ampla aos alunos, no sentido de fazer com que eles interajam com a realidade se autodescobrindo e descobrindo coisas novas, pois muitas vezes o aluno desconhece a sua própria cultura.

Hoje o trabalho desenvolvido na Escola Nossa Senhora do Bom Conselho é voltado para atender a esse tipo de diferença, uma vez que o processo de mudança que vem ocorrendo na sociedade. Em que o “diferente” torna-se muito mais presente no nosso cotidiano, visto que a cada lugar que frequentamos encontramos alguém diferente, seja com um visual, aparência, sexo, deficiência, cultura, etnia entre outros. Assim, acredita-se que desde a Educação Infantil, os programas educacionais devem estar voltados à diversidade, para que a criança aprenda a respeitar, viver e se construir nesse contexto.

Portanto, se faz necessário que não só a escola, mas que a sociedade também valorize essas diversidades e que os meios de comunicação também ajudem, como por exemplo, a não incentivar a violência a homossexuais, travestis, lésbicas, entre outros, pois a escola não deve ser o único fator de mudança, é preciso que toda a sociedade se conscientize. Segundo Gomes (1999, p. 35) “o reconhecimento dos diversos recortes dentro da ampla temática da diversidade cultural (negros, índios, mulheres, deficientes, homossexuais, entre outros) coloca-nos frente a frente com a luta desses e outros grupos em prol do respeito à diferença”.

O trabalho dos professores e administradores da escola é pelos direitos e também pelo reconhecimento das diferenças. E, eles sozinhos de forma isolada não vão conseguir. É preciso que políticas governamentais apoiem os programas educacionais, bem como os meios de comunicação, os quais tem forte influência de persuasão.

O professor não pode pensar que a inclusão, é exclusividade de deficientes e que para isto acontecer basta adaptar o espaço físico e ter profissionais qualificados. Isto é necessário, mas não é, sem dúvida, o suficiente, visto que somente a escola com a visão voltada para a inclusão social, em hipótese alguma irá pensar somente no deficiente, mas sim em toda espécie de diferença que existe e que pode surgir a cada dia. Além de oferecer espaço físico adequado, é necessário que a escola prepare as novas gerações para esta educação, voltada para a diversidade. Através desta perspectiva, acredita-se que irão se romper as barreiras negativas construídas ao longo do processo histórico, “o preconceito”.

De acordo com Perrenoud (2001, p. 69)

No início do ano, um professor de ensino fundamental depara-se com 20 a 25 crianças diferentes em tamanho, desenvolvimento físico, fisiologia, resistência ao cansaço, capacidades de atenção e de trabalho; em capacidade perceptiva, manual e gestual; em gostos e capacidades criativas; em personalidade, caráter, atitudes, opiniões, interesses, imagens de si, identidade pessoal, confiança em si; em desenvolvimento intelectual; em modos e capacidades de relação e comunicação; em linguagem e cultura; em saberes e experiências aquisições escolares; em hábitos e modo de vida fora da escola; em experiências e aquisições escolares anteriores; em aparência física, postura, higiene corporal, vestimenta, corpulência, forma de se mover; em sexo, origem social, origem religiosa, nacional ou étnica; em sentimentos, projetos, vontades, energias do momento...

Conforme o pensamento do autor, percebe-se que nunca terminará de citar as inúmeras diferenças existentes no ambiente escolar e na sociedade em geral. E, devido a isto, acredita-se que não se deve esquecer a particularidade do sujeito, pois cada vez mais o “diferente” aparece, seja na forma de aprender, de se comunicar, ou na de refletir, etc. Para tanto, é importante, valorizar o espaço social, ampliar ações e principalmente, reconhecer que as crianças e adolescentes precisam sonhar, ter oportunidades, não importando qual a sua diferença.

Sabe-se que mudar não é tarefa fácil, mas o prazer da mudança acontece quando a comunidade escolar unida com um só objetivo fazer desse espaço um ambiente de (trans)formação. E somente através desta didática (trans)formadora é que se pode construir uma sociedade mais justa, que inclui e não a que exclui, que perceba a escola como lugar de construção, através da valorização das individualidades, do respeito para com as diferenças, com a cultura de cada um, onde a educação é o elemento essencial para um mundo melhor.

Os aspectos que direcionam um modelo de sociedade que facilite a vida das pessoas que possuam necessidades específicas para garantir o acesso a todos não significa que haja condições necessárias para o atendimento, pois consideramos que cada indivíduo tem em si características próprias que merecem atendimento pedagógico específico, contrariando assim, a massificação dos sistemas públicos de ensino que pouco atende a diversidade.

A escola tem por obrigação elaborar a definição dos seus objetivos e resgatar a finalidade social que é de garantir as novas gerações o domínio dos conhecimentos científicos e a construção de conceitos que possibilitarão a formação de habilidades cognitivas nos alunos e também, estabelecer relação desses conhecimentos e habilidades com os problemas vividos pela comunidade na qual está inserida, garantindo assim, a contextualização e aplicação do conhecimento.

Em análise referente à diversidade e à inclusão social, a educação apresenta-se como um fator essencial para a transformação da sociedade, em que novas propostas estão sendo

desenvolvidas em torno de um ensino que atenda a todas as crianças e a suas diferentes necessidades educacionais.

Quando se fala em inclusão, se faz necessário esclarecer que ela não se restringe somente a estudantes com necessidades educacionais especiais, mas a todas as crianças, independentemente de cor, raça, religião, condição física. Portanto, para que a escola desempenhem realmente este papel, há de se reconhecer que é necessária uma série de medidas que ofereça essas oportunidades, tendo em vista que a escola sempre esteve acostumada a trabalhar o ensino de forma homogênea.

1.1 A diversidade no contexto da escola hoje

Para o professor, saber trabalhar com o contexto da diversidade dentro sala de aula, diante dos inúmeros desafios, permite aprender a se posicionar de forma competente e compreender as diferentes necessidades educacionais dos alunos. A escola é, sem sombra de dúvida o espaço em que pode dar-se a convivência entre alunos diferentes, com necessidades diversas, e a partir daí surge a tentativa de combater o ensino discriminatório manifestado em gestos, comportamentos e palavras, os quais muitas vezes afastam e estigmatizam os grupos sociais.

Baseando-se no ponto de vista de Naujorks (2007) cada vez mais o professor tem se preocupado no seu cotidiano profissional com o preconceito. E, o resultado disso é Sentimentos de desilusão, de desencantamento com a profissão que se torna frequente nos relatos, as atividades pedagógicas dos professores são permeadas por circunstâncias desfavoráveis forçando-os a uma reorganização e improvisação no trabalho prescrito, essa distorção no conteúdo de suas atividades pedagógicas não lhes permite vivenciar esse trabalho como significativo gerando um processo de permanente insatisfação. Essa situação os induz a sentimentos de indignidade, fracasso, impotência, culpa, desejo de desistir, entre outros.

Naujorks (2007, p.3) explicita que:

A docência é, segundo apontam alguns pesquisadores, uma das profissões que mais causa desgaste emocional e stress. Este trabalho que poderia ser uma fonte de realização pessoal e profissional, torna-se penoso, frustrante e todas as situações novas que poderiam servir como uma motivação, passam a ser uma ameaça temida e, portanto, evitada.

As dificuldades mediante tais situações vividas pelos professores dificultam o processo de mediação na produção e apropriação dos conhecimentos dos alunos contribuindo para a exclusão e não inclusão destes como se espera e se deseja. É necessário que haja um compromisso ético do professor ao tentar responder adequadamente às diferentes situações que surgirão na maioria das vezes, de forma imprevisível, sendo assim, necessário entendimento diante de situações que estão fora do seu próprio contexto de vida, de forma a enfrentar adequadamente o ocorrido, fazendo deste uma oportunidade de aprendizagem.

No dia a dia, na sala de aula surge nas interações a possibilidade do estudante ter segurança de aceitação de suas características, pela incorporação realizada no processo educativo. Para que isso aconteça, o professor necessita estimular essas interações de uma forma que todos possam contribuir com o processo, sem que haja preconceito para com aqueles que não o desenvolvem da mesma maneira. Ajudá-los a entender que existem diferentes necessidades educacionais decorrentes de habilidades diferentes para que possibilite essa aceitação de maneira mais fácil.

Segundo André, (1999, p. 103):

Trabalhar com diversidade não é ignorar as diferenças ou impedir o exercício da individualidade, e sim favorecer o diálogo, dar espaço para a expressão de cada um e para a participação de todos na construção de um conhecimento coletivo apoiado no conhecimento mútuo, na cooperação e na solidariedade compreendendo assim a importância do seu ensino como um meio de preparação dos alunos para a vida em sociedade.

Observa-se que os professores também educam pela convivência humana que mantêm com seus alunos, sendo os mesmos são influenciados a partir do processo educativo que recebem. Por esta razão é necessário ressaltar que o ensino na diversidade abre portas e espaços para novos relacionamentos, porque os alunos aprendem a respeitar as diferenças e, com isso crescem de acordo com elas, sem preconceito e, desta forma, trazem benefícios que podem atingir a sociedade em geral, visto que estarão mais preparadas para a convivência no meio social.

O professor é um agente multiplicador e formador de opiniões, se ele tiver uma atitude discriminatória e se não souber valorizar a diversidade, a cooperação e o respeito por aqueles que são diferentes, ele estará contribuindo para uma educação preconceituosa; afinal, respeitar a diversidade é também uma forma de educar.

Baseando-se nesse princípio, percebe-se não deve permitir somente acesso ao conhecimento; deve também propiciar condições para que a pessoa possa construir sua cidadania por meio de um trabalho consciente de que é possível transformar e obter um

convívio sadio com as diferenças individuais dentro de um ambiente escolar.

Para que haja um trabalho aprimorado no cotidiano escolar, se faz necessário uma formação para os docentes, é atualmente prioritária para a mudança deste contexto. A maioria dos educadores não reconhece a diferença e a diversidade, por conseguinte não possuem a capacidade de análise para transformar a sua prática.

Conforme afirma nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 123) quando diz que:

A necessidade imperiosa da formação de professores no tema Pluralidade Cultural. Provocar essa demanda específica na formação docente é exercício de cidadania. É investimento importante e precisa ser um compromisso político pedagógico de qualquer planejamento educacional / escolar para formação e/ou desenvolvimento profissional dos professores.

Observa-se que nos últimos dez anos do século passado houve muitas reformas educacionais, nas quais, elaboraram-se novas divisões legais para o setor educacional junto com o ideal de Políticas Públicas, que tiveram como objetivo o desenvolvimento de novas capacidades técnicas administrativas, incluindo entre outros aspectos, novos conteúdos de ensino da escola pública e da formação de educadores. Esse método estimulou discussões em várias áreas do conhecimento sobre a presença ou não no currículo das culturas presentes na sociedade.

Nesse campo podem se destacar as práticas de avaliação que de forma tradicional são cotidianamente desenvolvidas na escola e que esta têm se constituído em práticas de exclusão: avalia-se para medir a aprendizagem dos estudantes e classificá-los em aptos ou não-aptos a prosseguir os estudos. Para que não tenhamos essa prática excludente, segundo Moraes (2006) é preciso que os professores reconheçam a necessidade de avaliar com diferentes finalidades:

- Conhecer as crianças e os adolescentes, considerando as características da infância e da adolescência e o contexto extraescolar.
- Conhecê-los em atuação nos tempos e espaços da escola, identificando as estratégias que usam para atender às demandas escolares e, assim, alterar, quando necessário, as condições nas quais é realizado o trabalho pedagógico.
- Conhecer e potencializar sua identidade.
- Conhecer e acompanhar o seu desenvolvimento.
- Identificar os conhecimentos prévios dos estudantes, nas diferentes áreas do conhecimento e desenvolvimento de capacidades.
- Conhecer hipóteses e concepções deles sobre os objetos de ensino nas diferentes áreas do conhecimento e levá-los a refletir sobre elas.

- Conhecer as dificuldades e planejar atividades que ajudem a superá-las.
- Verificar se eles aprenderam o que foi ensinado e decidir se é preciso retomar os conteúdos.
- Saber se as estratégias de ensino não estão sendo eficientes e modificá-las quando necessário. O trabalho do professor também precisa ser avaliado, para isso, leva-se em conta os seguintes aspectos:
 - se o estudante está engajando no processo educativo e, em caso negativo, quais são os motivos para o não-engajamento;
 - se o estudante está realizando as tarefas propostas e, em caso negativo, quais são os motivos para não-realização;
 - se o professor está adotando boas estratégias didáticas e, em caso negativo, quais são os motivos para a não-adoção;
 - se o professor utiliza recursos didáticos adequados e, em caso negativo, quais são os motivos para a não utilização;
 - se ele mantém boa relação ou não com meninos e meninas e os motivos para a manutenção dessas relações de aprendizagem;
 - se a escola dispõe de espaço adequado, se administra apropriadamente os conflitos e, em caso negativo, quais são os motivos para a sua não administração;
 - se a família garante a frequência escolar da criança ou jovens, se os incentiva a participar das atividades escolares em caso negativo, quais são os motivos para o não-incentivo; 20
 - se a escola garante aos estudantes e suas famílias o direito de se informar e discutir sobre os avanços e dificuldades reveladas no dia-a-dia.

As práticas avaliativas realizadas como formas de medir conhecimentos e habilidades devem configurar-se como método por excelência para concretizar a atenção educacional à diversidade promovendo práticas avaliadoras que dão prioridade a função pedagógica da avaliação e às decisões de ordem didáticas associadas a ela.

1.2 A diversidade cultural

Nos dias atuais, não se precisa de imigração, para que as pessoas atribuam a sua própria cultura, fatores que são externos a ela, o fenômeno globalização tem o papel essencial nesse procedimento, uma vez que é através das mídias as culturas dominantes economicamente são permeadas pelo mundo todo.

Nesse sentido Lima (2005. p. 02) explicita:

A sociedade brasileira reflete, por sua própria formação histórica, o pluralismo. Somos nacionalmente, hoje, uma síntese intercultural, não apenas um mosaico de culturas. Nossa singularidade consiste em aceitar – um pouco mais do que outros -- a diversidade e transformá-la em algo mais universal. Este é o verdadeiro perfil brasileiro... Sabemos, portanto, por experiência própria, que o diálogo entre culturas supera – no final – o relativismo cultural crasso e enriquece valores universais .

De acordo com o autor, logo após o Período Colonial o Brasil abriu-se para às novas culturas, e hoje o que se vê na sociedade é o resultado da integração de imigrantes de todas as partes do mundo que hoje constituem o povo brasileiro na sua pluricultura e que deve ser apreciada e respeitada tendo o seu devido lugar na sociedade em que está inserida.

O autor Lima (2005) ainda tem como pilar basilar o mundo globalizado, vendo assim a necessidade de se tolerar as diversas culturas, uma vez que, a cultura é a natureza do homem, a qual se deve preservar, visto que a globalização é desprovida de conteúdos, valores e símbolos que nos dizem respeito intimamente. As salas de aula refletem esse contexto multicultural, tendo por sua vez a necessidade de formação dos profissionais imbuídos de senso crítico ao trabalhar a pluralidade cultural e que favoreçam os conteúdos a ela atribuídos.

Um desses assuntos seria o preconceito, em que o estereótipo não possa ser democrático e este seja destituído ao se encontrar pessoas provenientes de uma pluralidade cultural se considera melhor do que outros, quer seja no poder econômico e social, religioso ou quer seja em outros, tal manifestação preconceituosa, em relação a si e ao próximo, não deve ser atingida pelo professor tão somente no âmbito das relações interpessoais e sim concebida afim de questionar os mecanismos que perpetuam essa situação.

Já Moreira e Candau S/D (2007 p. 02) diz que:

Construir o currículo com base nessa tensão não é tarefa fácil e irá certamente requerer do professor nova postura, novos saberes, novos objetivos, novos conteúdos, novas estratégias e novas formas de avaliação. Será necessário que o docente se disponha e se capacite a reformular o currículo e a prática docente com base nas perspectivas, necessidades e identidades de classes e grupos subalternizados.

Portanto pode se afirmar que a escola é uma instituição cultural, Uma vez que, as relações entre escola e cultura não podem ser concebidas de forma separadas, ao se concordar com a associação entre escola e cultura passa a se ver suas relações como constitutivas do universo educacional. Moreira e Candau (S/D) esclarece que a instituição escolar está sendo chamada a lidar com a pluralidade de culturas, a reconhecer os diferentes sujeitos socioculturais presentes em seu contexto, abrir espaços para a manifestação e valorização das diferenças. Sabe-se que a escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença, numa

análise histórica barramos com a homogeneização e a padronização. No entanto, abrir espaços para a diversidade, a diferença, e para o cruzamento de culturas constitui o grande desafio.

1.3. Pedagogia de projetos

As escolas que adotam esse método que apesar de muito festejado, a Pedagogia de Projetos não é uma prática recente. Mas é muito eficaz, no sentido de se dá ênfase a um tema de relevância como é o caso do tema pluralidade cultural. É uma prática bastante divulgada desde o seu surgimento que segundo Lourenço Filho (1978), a Pedagogia de Projetos surgiu com o título de "home-projects". Seu idealizador, o americano John Dewey, traçou os fundamentos desse trabalho a partir de sua Teoria da Experiência. Para Dewey (1975, p. 13-14) a experiência é:

[...] agir sobre o outro corpo e sofrer de outro corpo uma reação [...] é uma forma de interação, pela qual os dois elementos que nela entram - situação e agente – são modificados [...] relação que se processa entre dois elementos do cosmos, alterando-lhes, até certo ponto a realidade. Qualquer experiência há de trazer esse resultado, inclusive às experiências humanas de reflexão e conhecimento. Com efeito, o fato de conhecer alguma coisa, importa em uma alteração simultânea no agente do conhecimento e na coisa conhecida.

No pensamento do referido autor, percebe-se que ele combatia o ensino verbal difundido pela escola tradicional. O que almejava era traçar uma nova teoria da experiência, através da qual melhor se define o papel dos impulsos de ação ou na fórmula genérica então adotada, da função dos interesses. O interesse e o esforço, para Dewey são duas faces da mesma realidade. O que chama de interesse é o aspecto interno da experiência, o que move o educando e assim é por ele sentido; o que chama de esforço é o aspecto externo pelo qual podemos observar a situação funcional resultante.

É evidente que ele desejaria que a escola tivesse a missão de preparar o aluno para a vida. E diante dessa concepção o estudante teria que ser capaz de projetar, procurar meios de realização para seus próprios empreendimentos e de realizá-los, verificando pela sua própria experiência, o valor das concepções que esteja utilizando para poder reafirmar, emendar ou substituir, segundo os resultados e a conciliação desses resultados com seus programas de vida.

O ensino para ser bom e ter êxito só se dará quando os alunos, sob conveniente direção, possam se direcionar por intenções que venham ligar suas impulsões e também seus desejos a propósitos definidos, ideais e valores; este, em resumo era o ponto de partida do sistema de projetos, como era denominado na época. E o cerne da concepção educativa de Dewey era a de que somos livres no grau em que agirmos sabendo o que pretendamos obter e que a partir de atividades intencionais ou de propósitos definidos, o educando será levada do desejo a intenção consciente, e dessas intenções a propósitos mais amplos, na forma de aspirações e ideais.

Portanto, pode-se ainda definir projetos como caracteriza Lourenço Filho (1978, p. 207) quando explicita que:

Os projetos implicam a globalização dos conhecimentos; são ativos por excelência; melhor se desenvolvem em comunidade, com exercício da ação autônoma em muitos casos. É, enfim, a vida transplantada para o seio das classes, com toda a riqueza de seus aspectos de ação, pensamento e sentimento.

Nos dias atuais, há vários autores que defendem a temática do trabalho pedagógico a partir de projetos. Hernández (1998), por exemplo, associa o trabalho com projetos – Projetos de Trabalho – não como uma metodologia, mas com uma concepção de ensino, uma maneira diferente de suscitar a compreensão dos alunos sobre os conhecimentos que circulam fora da escola e de ajudá-los a construir sua própria identidade. Uma vez que, esta visa a uma resignificação da estrutura da escola apontando possibilidades de transformação do seu espaço, tempo e organização do conhecimento; alterando principalmente o modelo de educação centrado no professor.

Nogueira, (2001, p. 94) afirma que:

Os projetos, na realidade, são verdadeiras fontes de investigação e criação, que passam sem dúvida por processo de pesquisa, aprofundamento, análise, depuração e criação de novas hipóteses, colocando em prova a todo momento as diferentes potencialidades dos elementos do grupo, assim como as suas limitações.

Conforme o pensamento de Nogueira se pode afirmar que o trabalho com projetos visa repensar o papel e a função da educação escolar, uma vez que a escola é considerada como um lugar em que se permite pensar, aprender e atuar para enfrentar alguns dos desafios que hoje se apresentam. Para tanto, faz-se necessário a presença de professores que estejam dispostos a acompanhar as mudanças que ocorrem dentro e fora dos muros da escola.

Mudanças essas que refletem na sociedade, nos sistemas de representação dos valores e das identidades, nas tecnologias de informação e comunicação. Tais mudanças constituem hoje um desafio para se repensar a postura da escola. E, segundo Almeida (2000, p. 12) que diz:

"Os projetos permitem articular as disciplinas, buscam analisar os problemas sociais existenciais e contribuir para sua solução por meio da prática concreta dos alunos e da comunidade escolar".

A escola deve facilitar a elaboração como também a execução dos diversos tipos de projetos que conforme o pensamento de Leite (1998). Podem-se elencar diversos tipos de projetos: projetos de investigação, os projetos de vida cotidiana e os projetos de empreendimentos. Os projetos de investigação surgem a partir da curiosidade, interesse ou necessidades dos alunos ou dos professores e têm como meta a investigação de um assunto, fato ou realidade e sua representação. Os projetos de vida cotidiana, dizem respeito às regras de utilização, uso e coisas que envolvem a escola como um todo e se refere ao seu cotidiano. Os projetos de empreendimento caracterizam-se como um conjunto de atividades necessárias para a realização de uma tarefa ou à resolução de um problema determinado pela realidade. Esses tipos de projetos têm como meta um produto final.

Quanto à sistematização do trabalho com projetos Lourenço Filho, (1978, p. 208) reconhecia a importância de etapas necessárias dentro desse trabalho, tais como:

[...] reconhecer os dados do problema, ou os fatos de uma situação; observar e examinar em seguida esses fatos, para situar ou esclarecer a questão proposta; elaborar depois uma hipótese ou solução possível, ou várias, procedendo à escolha de uma delas; verificar enfim, a confirmação da ideia elaborada, por sua aplicação como chave e outras observações ou experiências novas.

Conforme essa sistematização, pode se considerar que tais etapas são necessárias, porém se compreende ser também importante não impor a todo e qualquer projeto os mesmos passos ou uma mesma ordem preestabelecida. O importante é que o percurso funcione como fio condutor entre as etapas e a aprendizagem que se vai construindo de acordo com o contexto vivencia doem cada projeto. Nogueira, (2001, p. 90) afirma que: "Um projeto na verdade é, a principio, uma irrealidade que vai se tornando real, conforme começa ganhar corpo e a partir da realização de ações e, conseqüentemente, as articulações destas".

Na Pedagogia de Projetos sempre existe uma construção de forma coletiva no sentido de envolver os discentes nas etapas do referido projeto, a começar pela elaboração do tema de pesquisa, até o planejamento das atividades em busca de soluções para o problema e a avaliação. Essa construção coletiva perpassa o percurso descrito por Nogueira para a elaboração de um projeto.

Em se tratando da forma conteudista, a natureza do projeto é quem vai definir as áreas do conhecimento que contemplarão as respostas das questões propostas. Portanto, os saberes das disciplinas serão integrados e valorizados para que possam de fato atender as expectativas dos alunos, bem como atingir os objetivos do projeto. Uma vez que Nogueira (2001, p. 132) deixa bem claro quando diz que “...várias disciplinas poderão trabalhar com o mesmo tema, transformando a aprendizagem em algo não compartimentalizado, possibilitando desta forma que os alunos migrem de uma área à outra, navegando pela mesma temática”.

Portanto, a Pedagogia de Projetos constitui uma alternativa diferenciada trabalhar o ensino aprendizagem e que possibilita uma nova forma de repassar os conteúdos de maneira mais atraente e interessante, com o olhar voltado para o aluno e ainda permite perceber individualmente as diferentes formas de aprender, os diferentes níveis de interesse, assim como as dificuldades e potencialidades de cada um.

2. A IDENTIDADE INSTITUCIONAL DA ESCOLA BOM CONSELHO

A identidade institucional é, sem dúvida, um conjunto que se caracteriza por identidades individuais e coletivas em um ambiente denominado escola e que se torna uma organização multicultural desafiando preconceitos e contribuindo para uma formação cidadã através das suas práticas curriculares e suas ações educativas.

Segundo . (Montysuma, S/D (2007 p. 02).

Quando se pensa em estrutura organizacional de qualquer natureza, deve-se refletir de acordo com os preceitos científicos da administração, e não poderia ser diferente no caso da escola. Porém, devemos compreender que a escola é uma empresa diferente, onde o seu produto, o aluno, é ao mesmo tempo sujeito e objeto. Sujeito porque é o aluno quem constrói o seu conhecimento e objeto porque na construção desse conhecimento, sofre a influência dos outros alunos do professor, do meio físico e social neste que fazer construtivo

Este aspecto ressaltado pelo autor se encontra na necessidade de legitimar a relação democrática que se vai construindo em uma instituição escolar, no sentido burocrático, administrativo e pedagógico, isto é, não basta ser direito, tem que ser legal. Torna-se necessário um regimento interno escolar, que surge do debate filosófico que fundamenta o Projeto Político Pedagógico, o qual deverá expressar com clareza todos os procedimentos, regras, direitos e deveres a que todos serão submetidos. Para tanto, esse processo de debate deve contar com a ampla participação de todos os segmentos, para que seja a expressão soberana da escola.

Partindo desse contexto, analisamos trechos do Projeto Político Pedagógico – PPP – da Escola Estadual de Educação Básica Nossa Senhora do Bom Conselho, onde foi desenvolvida a pesquisa-ação com os alunos do Ensino Médio, no sentido de desafio ao preconceito, a fim de detectar possíveis indícios de valorização das diversas culturas presentes no ambiente escolar.

Nos princípios norteadores do Projeto Político Pedagógico – PPP – (2013, p. 9) está explícito o trabalho que deve ser desenvolvido pela instituição, tanto na esfera administrativa quanto pedagógica. E deixa claro quando diz que:

O compromisso da escola é oferecer uma educação integral, voltada à construção da cidadania, respaldada numa prática educacional e pautada na compreensão da realidade social e dos direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal e coletiva, a EEEB Nossa Senhora do Bom Conselho, comprometida com a cidadania elegeu o respeito aos direitos humanos a liberdade de aprender e a solidariedade como princípios norteadores.

Respaldo-se neste documento que deixa obviamente claro que há um trabalho voltado para a formação de cidadãos críticos e participativos e autônomos, baseando-se em princípios de liberdade, igualdade e fraternidade, tornando os alunos protagonistas na construção do conhecimento, reconhecendo assim a convivência harmônica e o respeito mútuo, a excelência e a ética como valores primordiais para uma convivência pluricultural.

Então, ao estudar o documento, percebemos que o PPP (2013, p. 7) da Escola se preocupava com a valorização da diversidade cultural e, em alguns momentos, expressava sensibilidade ao multiculturalismo, principalmente no item Marco Operacional que trazia as ações que a escola pretendia realizar:

Visamos uma escola democrática, onde toda forma de pensamento, expressão e ação seja respeitada. Que seja uma escola justa e flexível, oferecendo oportunidade a todos que nela ingressem, não havendo nenhum tipo de discriminação; almejamos por uma educação que valorize o potencial de cada indivíduo, visando o conhecimento global de todos os envolvidos no processo, transformando, sem excluir os menos favorecidos e promovendo as mudanças necessárias na sociedade; contribuimos para a formação de cidadãos ativos, críticos, participativos e capazes de construir e aprimorar gradativamente seu conhecimento; buscamos a educação como um processo contínuo e conjunto, sem práticas isoladas e sim correlacionadas, integradas e participativa, possibilitando um perfeita comunhão com os vários grupos sociais que integrem em se cotidiano, tais como: família, escola, igreja, profissionais liberais, associações de moradores...; desenvolvemos trabalhos que contribuem na formação de cidadãos pensantes e críticos, que se fundamentam em suas próprias experiências pessoais e; que tenham ideais individuais e coletivos claramente delineados.

Portanto, o fato de não ser admitido qualquer tipo discriminação mostrava um importante sinal de que o preconceito também não deveria ser aceito, além de não se excluir os menos favorecidos. Ademais, trabalhar para a formação de cidadãos críticos e participativos e, ainda, levá-los a buscar seus ideais individuais e coletivos, são sinais de que esta escola visa ao desenvolvimento do ser humano, respeitando suas individualidades e acreditando nas suas potencialidades.

Segundo informações contidas no PPP, a Escola acolhe alunos da comunidade escolar e de muitos bairros adjacentes, por oferecer o Ensino Fundamental e Médio. Além disso, esse documento afirmava que a maioria dos alunos era procedente de famílias de baixa renda e baixo nível de escolaridade. Apesar disso, essas famílias percebiam a necessidade de formação escolar de seus filhos, em função de terem expectativas de melhor qualidade de vida.

2.1 Caracterização da escola

A Escola Estadual de Educação Básica Nossa Senhora do Bom Conselho está localizada a rua Sólon de Lucena, 50, centro, Princesa Isabel – PB. Área privilegiada da cidade, por partilhar a vizinhança com a 11ª Gerencia Regional de Educação, a praça de eventos (culturais, educativos e esportivos) Dona Natália do Espírito Santo, a quadra de esporte Ministro Alcides Vieira Carneiro e a lagoa da “Estrela”, marco histórico da fundação do município.

E, segundo informações do setor administrativo é uma escola pública mantida pelo Governo do Estado através da Secretaria de Estadual de Educação – João Pessoa – PB, oferece parcialmente o Ensino Fundamental II (8º e 9º ano), no turno manhã, e Ensino Médio nos três turnos: manhã, tarde e noite, respectivamente; com uma matrícula de 892 (oitocentos e noventa e dois) alunos, sendo 304 alunos no turno manhã, 387 alunos no turno tarde e 201 alunos no turno noite.

Conforme o Projeto Político Pedagógico – PPP – (2013, p. 5) esclarece a infraestrutura da instituição mostrando que há condições de executar um trabalho diferenciado e voltado para pluricultura dentro e fora do ambiente escolar.

A infraestrutura da escola atende as necessidades, pois dispõe de 11 salas de aula, 01 sala de vídeo, 08 banheiros femininos e 05 masculinos (para os discentes), 01 banheiro masculino e 01 feminino (para professores e funcionários de apoio), 01 secretaria, 01 diretoria, 01 sala de professores, 01 biblioteca, 01 laboratório de informática, 01 laboratório de ciências, 01 almoxarifado, 01 cantina, 04 pátios abertos e uma quadra poliesportiva (para aulas de Educação Física, eventos escolares, e uso da comunidade em geral).

Dessa forma, o espaço educativo se torna suficiente para um trabalho educativo em que se mova por múltiplas conexões entre padrões culturais diversificados que coordenam uma sucessão complexa de tramas de significados. Essas tramas são estabelecidas nas relações entre sujeitos com seus padrões culturais específicos e diferentes, são a substância principal da educação intercultural.

Demo (1998, p. 248), assim se refere a essa questão da escola planejar antecipadamente as suas metas e ações baseada em currículos pré-estabelecidos pela entidade mantenedora, porém deve buscar meios para solucionar alguns problemas que afetam o bom andamento da escola e também da aprendizagem. Ele deixa claro quando diz:

Nesse sentido, consideramos que o Projeto Político-Pedagógico prevê todas as atividades da escola, do pedagógico ao administrativo, devendo se ruma das metas do Projeto construir uma escola democrática, capaz de contemplar vontades da comunidade na qual ele surge, tanto na sua elaboração quanto na sua operacionalização, desde professores, técnicos, Existindo projeto pedagógico próprio, torna-se bem mais fácil planejar o ano letivo, ou rever e aperfeiçoar a oferta curricular, aprimorar expedientes avaliativos, demonstrando a capacidade de evolução positiva crescente. É possível lançar desafios estratégicos, como: diminuir a repetência, introduzir índices crescentes de melhoria qualitativa, experimentar didáticas alternativas, atingir posição de excelência.

E, refletindo com o pensamento de Demo (1998), percebe-se que as tendências pedagógicas a serem adotadas pela instituição, dentre as quais se destaca a “Pedagogia de projeto”, cujo documento esclarece que tal tendência se baseia em não ver a pluralidade cultural somente como uma problema, mas que passe a ser trabalhado como uma na dimensão importante de todo o processo educativo. Nessa perspectiva de análise, o PPP faz alusões à diversidade de origens pertinente à comunidade escolar.

A escola atualmente precisa encontrar m método para a diversidade, engajando os estudantes no mundo das diferenças, preparando-os para ser legítimos cidadãos. Na escola há alunos de diversas culturas, o que requer do professor um olhar diferenciado para seu planejamento, bem como para o currículo escolar, através de adaptações aos conteúdos e atividades desenvolvidas em sala de aula. Também é importante pesquisar a história dos alunos para que o conteúdo a ser estudado esteja de acordo com seus interesses e realidade. Gadotti (2000, p. 56) salienta que somente uma educação multicultural pode dar conta desta tarefa.

A educação multicultural se propõe a analisar, criticamente, os currículos monoculturais atuais e procura formar criticamente os professores, para que mudem suas atitudes diante dos alunos mais pobres e elaborem estratégias instrucionais próprias para a educação das camadas populares, procurando, antes de mais nada, compreendê-las na totalidade de sua cultura e de sua visão de mundo.

A pluralidade cultural é um fator muito importante de ser investigado no sistema de ensino, pois é a maneira de mostrar aos alunos que há diversas culturas além da que eles conhecem e estão acostumados a ver. Também devido ao fato de proporcionar uma formação mais ampla

aos alunos, no sentido de fazer com que eles interajam com a realidade se autodescobrindo e descobrindo coisas novas, pois muitas vezes o aluno desconhece a sua própria cultura.

Hoje o trabalho desenvolvido na Escola Estadual de Educação Básica Nossa Senhora do Bom Conselho está voltado para atender todo tipo de diferença, tendo em vista o processo de mudança que vem ocorrendo na sociedade. O “diferente” torna-se muito mais presente no nosso dia a dia, visto que a cada lugar que frequentamos encontramos alguém diferente, seja com um visual, aparência, sexo, deficiência, cultura, etnia entre outros.

2.2 Breve histórico da Escola

Partindo do seu princípio que é a fundação que segundo relatos pronunciados por ex-professores, ex-diretores funcionários e alguns habitantes da cidade de Princesa Isabel - PB, a escola teve início no ano de 1944. No Recife- PE foi criada uma entidade Filantrópica, intitulada de Campanha Nacional de Educandários Gratuitos – CNEG. Neste período o ilustre filho natural de Picuí – PB, chamado de Felipe Tiago Gomes, gostou do projeto e o trouxe para a Paraíba.

Nesta época o Estado da Paraíba só tinha o Ensino Fundamenta I (de 1ª a 4ª série). Se alguém pretendesse prosseguir os estudos teria que ser em escola particular, em que poucos tinham as condições de seguir com os estudos. Preocupado com a educação de Princesa Isabel, um princesense ilustre conhecido por Antônio Nominando Diniz, sentindo esta necessidade de implantar esta escola na cidade, seguiu em busca desse projeto para que todos os princesenses pudessem ser beneficiados.

Só em 1949, foi que o Sr.: Antônio Nominando Diniz conseguiu trazer para Princesa a tão sonhada escola que era chamada de Conselho Nacional de Escolas Cenecistas – CNEC, tendo como diretor Genésio e iniciou as suas primeiras aulas, tendo como sede a Escola Estadual Gama e Melo que e a onde o Sr.; Genésio já exercia a função de diretor. Conta-se que foi lá que a Escola Estadual Nossa Senhora começou a funcionar. Com o tempo, sem ter um prédio próprio à escola passou a funcionar em várias casas e em lugares diversos.

Em razão dessas mudanças o governador da época, o Sr.: Pedro Gondim, conseguiu uma doação com o prefeito da cidade e ele conseguiu fazer a construção da referida escola. Isso ocorreu mais ou menos nos anos 60 foi quando começou a funcionar em prédio próprio, mas ainda em situação precária, funcionava apenas o antigo primário (de 1ª a 4ª série).

Em 1970, iniciou as aulas do Ensino Médio que na época era conhecido como o “Científico” em que se estudava a área de engenharia e técnico, além do curso clássico que era voltada para a parte de humanas, depois passou a ser chamado de “Segundo Grau”.

A Instituição teve várias siglas como: CNEG – Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, Depois CNEC - Conselho Nacional de Escolas Cenevistas, esta mudança se deu porque como antes trazia na sigla a palavra “gratuitos” o aluno não deveria pagar nada, porém a situação financeira da escola começou a ficar precária, foi quando mudou para CNEC para que se fosse cobrada uma pequena taxa mensal para que a escola pudesse se manter, com isso ela deixou de ser uma escola estadual e passou a ser uma instituição particular.

Logo após a cobrança dessa taxa a referida escola passou a funcionar uma parte pelo Estado que era no período da manhã, onde funcionava de 1ª a 4ª série e se chamava Escola Nossa Senhora do Bom Conselho; no turno tarde funcionava de 5ª a 8ª série e a noite do 1º ao 3º científico com o nome de Escola Cenevista nossa senhora do Bom Conselho.

No ano de 1998, a escola passou por um reordenamento, em que foram retiradas todas as turmas do antigo primário (de 1ª a 4ª série) e as turmas do fundamental (de 5ª a 8ª série) ficando apenas o Ensino Médio e foi implantado um projeto chamado de Centro Paraibano de escolas Solidárias – CEPES, que beneficiou apenas aqueles professores que eram efetivados no estado e quem não era do estado começou a ficar incomodado e pediram para sair da escola, isto é, do CNEC, a direção na época fez de tudo para manter funcionários e professores mas todos os esforços foram em vão e com isso a escola teve uma perda incalculável.

O gestor da época, juntamente com o seu primo Antônio Nominando Diniz Filho, pediu a estadualização da escola por conta da perda de professores e funcionários e o pedido foi aceito e a partir daí a escola passou a ser chamada de Escola Estadual de Educação Básica Nossa Senhora do Bom Conselho, nome este que continua até os dias atuais.

Durante o seu percurso a escola já passou por várias reformas e por vários gestores, antes os gestores eram escolhidos por indicações, mas hoje já houve uma evolução significativa e a escolha agora é através do voto, motivo este que deixa a instituição um pouco independente, transparente e democrática.

A Escola Nossa Senhora do Bom Conselho atualmente, oferece parcialmente o Ensino Fundamental II (8º e 9º ano), no turno manhã, e Ensino Médio nos três turnos: manhã, tarde e noite, respectivamente; com uma matrícula de 892 (oitocentos e noventa e dois) alunos, sendo 304 alunos no turno manhã, 387 alunos no turno tarde e 201 alunos no turno noite com um corpo docente formado de 31 professores. A escola se questiona quanto o seu papel como

instituição numa sociedade pós-moderna e pós-industrial, caracterizada pela globalização da economia, das comunicações, da educação e da cultura. E, nesse contexto a sociedade cresce e há a reivindicação pela participação e autonomia contra toda forma de uniformização e o desejo de afirmação da singularidade de cada região e de cada escola.

A autonomia da unidade escolar tem sido defendida pelos professores como condição necessária para a melhoria do ensino e, mesmo, para que haja verdadeira educação, abordando a importância da autonomia e da participação uma vez que houve a implantação da gestão democrática através do voto, apresentando também alguns dos mecanismos fundamentais, nas práticas organizacionais, para a constituição da Escola esteja voltada para a qualidade de ensino e a democratização do sistema escolar.

Embora não haja uma única maneira de implantar um sistema uniforme e participativo, mas é possível identificar alguns princípios, valores e prioridades, na construção efetiva de uma gestão. Libâneo (2004, p.79), afirma que:

A participação é o principal meio de se assegurar a gestão democrática da escola, possibilitando o envolvimento de profissionais e usuários no processo de tomada de decisões e no funcionamento da organização escolar. Além disso, proporciona um melhor conhecimento dos objetivos e metas, da estrutura organizacional e de sua dinâmica, das relações da escola com a comunidade, e favorece uma aproximação maior entre professores, alunos, pais.

Mediante a conceituação do autor a participação se fundamenta no de autonomia, que significa a capacidade das pessoas e dos grupos de conduzirem a sua própria vida. A autonomia opõe-se às formas imperiosas de tomada de decisão e, dessa maneira, um modelo de gestão democrática e participativa e transparente tem na autonomia um dos seus mais importantes princípios, implicando a livre escolha de objetivos e processos de trabalho e a construção conjunta do ambiente de trabalho.

Gadotti (2000, p.47), afirma que a autonomia se refere à criação de novas relações sociais, que se opõem às relações autoritárias existentes. Sendo o oposto da uniformização, ela admite a diferença e supõe a parceria. Por esse motivo, uma escola autônoma não atua de forma isolada, mas em constante intercâmbio com a sociedade.

A autonomia e a gestão democrática da escola fazem parte da própria natureza do ato pedagógico e representa tomada de decisão sobre seus objetivos e sua forma de organização, possibilitando uma relativa independência do poder central para traçar seu próprio caminho, com a participação dos professores, alunos, funcionários, pais e da comunidade próxima, que se tornam co-responsáveis pelo êxito da mesma. O Projeto Político Pedagógico é o

instrumento que orienta e possibilita operacionalizar a autonomia na escola e está diretamente ligado à autonomia da escola.

3 AÇÕES REALIZADAS PELA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

A função primordial da instituição escolar é transmitir os conhecimentos historicamente adquiridos pela humanidade, mas no mundo moderno em que se vive a escola deve ser um local onde se possibilite uma compreensão ampla da sociedade, com seus princípios, valores e diferenças.

A Educação Nacional Básica é fundamentada nos Parâmetros Curriculares Nacionais, que tem como pretensão atender uma necessidade política reformulativa dos conteúdos que eram propostos pelos Conteúdos Curriculares Nacionais, dessa maneira, orientando e garantindo coerência dos investimentos no sistema educacional que subsidiem a participação de técnicos e professores, principalmente daqueles que se encontram mais isolados e com menos contato com a produção pedagógica atual, como é o caso das escolas interioranas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN - se ajusta em uma proposta flexível que deve ser efetivado nas decisões regionais e locais sobre currículos e sobre programas que transformem a realidade educacional pelas escolas e professores, deixando de existir um modelo curricular homogêneo que não atende a diversidade sociocultural das diferentes regiões.

Um aspecto fundamental que deve ser ressaltado nos Parâmetros Curriculares Nacionais é a prática pedagógica baseada na elaboração de Projetos que tem a finalidade de trazer à tona as questões sociais, tecnológicas e econômicas, as quais são constantemente citadas e propõem uma prática vem quebrar os paradigmas, no qual o objetivo principal é proporcionar uma educação dentro da realidade do aluno.

Arroyo (1999) citado por Ferrira & Neves (2001) transcreve experiências inovadoras e educativas, as quais permite uma reflexão a respeito da base de formação curricular. Para isso, aponta alguns traços dessas “inovações”, a saber: pensar mudanças sobre perspectivas hierarquizantes; diagnósticos negativos acerca do cotidiano escolar; solução centrada na “requalificação” de professores; pesquisas por amostragens possibilitando a definição de estratégias de ação; mudança centrada nos conteúdos e programas.

As compreensões dessas conexões apontam para um repensar da perspectiva unilateral das políticas inovadoras. Nas palavras do autor “As políticas inovadoras do atual governo têm

esse tripé: novos parâmetros curriculares, novo sistema nacional de avaliação do aprendizado e de capacitação dos mediadores – transmissores – os professores”.

Esses movimentos inovadores, presentes no ambiente escolar, que nas palavras de Arroyo (1999), tenta acompanhar a dinâmica social e política que vem fazer do currículo algo mais significativo. No entanto, as políticas educacionais deveriam refletir sobre todos os aspectos que vão desde a estrutura física da escola até os indivíduos a que busca atender, não perpassando sobre os conteúdos, currículos e metodologias a serem desenvolvidas.

Segundo Ferreira & Neve (2001, p.04).

É nesse sentido que inovar vai além de propostas curriculares perpassa, a nosso ver, pela reforma de práticas sociais. A prova disso é percebida nos currículos que são contemplados pelos PCNs e buscam se ocupar de temas transversais que levam em consideração as dificuldades diárias enfrentadas pelos alunos na escola da atualidade.

Ao averiguar, a situação da instituição de ensino foi quando se decidiu trabalhar com Projetos, a escola buscou desenvolver metodologias, metas e caminhos para a aprendizagem significativa e eficaz. Em que pudesse possibilitar o aluno sonhar e exercitar-se para as suas responsabilidades futuras como cidadão na sociedade. Nessa perspectiva, Libâneo (1991, p. 149) percebe no método “um conjunto de procedimentos que conduz a prática e que depende da teoria.” Na prática os métodos reducionistas são mais simples e atuam no concreto.

Diante disso, a escola não podia mais continuar de forma convencional. O contexto escolar se encontrava recheado de atrativos oferecidos pela tecnologia e por isso requer uma nova instituição, com capacidade de oportunizar o aluno com uma aprendizagem diferenciada e também inclusão social. Portanto, a instituição de ensino não comportava mais o ensino meramente reprodutivista. Segundo Macedo (2000 p. 86) o ensino tradicional, resultam de um viés positivista de pesquisa, no qual exalta o “rigor científico e o refinamento metodológico, enquanto a teoria e o conhecimento são subordinados aos imperativos da eficiência e da maestria técnica”.

Então essa foi a gota d’água para que houve uma mudança na escola e para que os professores por unanimidade saíssem da mesmice e buscasse trabalhar com a pedagogia de projetos. E doravante os projetos fluíram e se propagaram dentro da escola e os que mais se destacaram foram os que exploravam a pluralidade cultural, visto que é um tema necessário para ser trabalhado dentro das instituições escolares.

3.1 Um dos Projetos realizados na escola

O Projeto “A escola e o quilombo do livramento: conhecendo e resignificando sua história” se desenvolvem na Escola Estadual de Educação Básica Nossa Senhora do Bom Conselho com alunos (as) da primeira e segunda série do Ensino Médio. Coordenado pelas professoras Maria do Bom Conselho Maximiano Roberto e Naside Barbosa, conjuntamente com os agentes administrativos da instituição. Teve como objetivo favorecer o desenvolvimento da aprendizagem e da cidadania pró-ativa para a autonomia, a participação, o autocontrole e a responsabilidade social. No intuito de encantar o (a) aluno (a), minimizar os índices de discriminação, a evasão e a repetência escolar.

Fundamenta-se na LDB 9394/96 e nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Aprovado pela LEI Nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Que em seu bojo diz: “**Artigo 1º** - Será punido, nos termos desta lei, todo ato discriminatório por motivo de raça ou cor praticado no Estado por qualquer pessoa, jurídica ou física, inclusive a que exerça função pública. Isto é resultado de reivindicações antiga da sociedade. A aprovação ocorreu, de acordo com a análise da Comissão dos direitos humanos do Senado. Uma dívida histórica que vem sendo resgatada por meio da proposta de inclusão social.

O Projeto, mediante suas ações, tem um desenho metodológico contextualizado e contemplado no Projeto Político Pedagógico da escola. O PPP foi fundamentado na instituição a partir da LDB 9394/96, em seu artigo 12 inciso 1º, diz: “Os estabelecimentos de ensino, terão a incumbência de: I - elaborar e executar sua proposta pedagógica”. No intuito de promover um ensino ideal e levar qualidade a educação escolar. O PPP apresenta a visão, define ações para alcançar metas e objetivos. As quais expressam a prática pedagógica que se reflete nas relações sociais.

O Projeto se justifica por ele ser um trabalho preventivo que permite ao aluno (a) aprender mais e vivenciar a história tanto na teoria quanto na prática. Trata-se de uma metodologia no processo de ensino aprendizagem que oportuniza o aluno a aprender e a lidar com as coisas sérias de uma maneira alegre e divertida. Constitui-se como uma experiência educativa que investigam: as Contribuições da Metodologia Recreação e Cidadania no processo de ensino aprendizagem na Sala de Aula, nas aulas passeio e nas Oficinas. No intuito de inspirar a formulação de Políticas Públicas Inclusivas para que se desenvolvam na escola e na comunidade uma Educação Social de qualidade.

Nessa perspectiva o trabalho do (a) Professor (a) tem um papel relevante, não apenas no processo de ensino aprendizagem, mas na orientação e na condução da sociedade. Na operacionalização do projeto utiliza-se a Metodologia diversificada e Cidadã, a Gestão por Competência também se engaja numa dimensão sociológica compartilhada, como estratégia para trabalhar a integralidade não só do aluno, mas do Ser humano. Realiza-se concomitantemente com os Projetos: a cultura, a educação, a sociedade e a economia, no intuito de alcançar os objetivos propostos e favorecer o desenvolvimento da inclusão social.

O Projeto apresentado se fundamentava em vários teóricos em que podemos citar: na Pedagogia da Consciência Crítica de Freire (1999), na Teoria Construtivista de Piaget (1973), na Teoria da Emoção de Wallon (1973), na Sociointeracionista de Vygotsky (1994), na Aprendizagem significativa de Ausubel (1980) e na Teoria da Complexidade de Morin (2001). Além da contribuição imprescindível de outros autores e atores sociais no desenvolvimento da metodologia no projeto. O Projeto visa desenvolver a cultura da Inclusão Social na escola e na comunidade, no intuito de minimizar as diferenças. Nos países desenvolvidos a inclusão ocorre de forma concomitante em todas as áreas. Uma dificuldade enfrentada pelos países em desenvolvimento, devido á falta de conscientização sobre a mudança de paradigma.

A escola contemporânea deve enfrentar este desafio, pois “tem como característica a substituição da educação intelectualista pela educação ativa.” (Martins 1998, p.30) Tem o compromisso de instigar os alunos á re-elaborar as suas informações e conhecimentos de maneira a conformar princípios e valores contextualizados para a ética, minimizando o preconceito. Nessa perspectiva, almeja-se desenvolver uma sociedade inclusiva, capaz de contemplar os anseios da condição humana que é poder viver em paz e Ser feliz. Para isso necessita-se de oportunidades de socialização, educação, trabalho, emprego, ocupação e renda. De modo que possam contribuir com o seu potencial de forma pluralista e democrática como reza a Constituição Cidadã de 1988.

Para isso elaboram-se Projetos diversos e em especial O projeto “A escola e o quilombo do livramento: conhecendo e resignificando sua história”, no intuito de reverter á dramática situação em que se encontra grande parte da população. Nessa perspectiva trabalham-se além da aprendizagem convencional, a cidadania pró-ativa, as relações humanas e a sua posição diante do mundo. O projeto aborda com acessibilidade a vivencia da comunidade do Quilombo do Livramento Valoriza o quilombo como uma conquista de todos

pertencentes aquela comunidade. A Pluralidade cultural, pois respeita a diversidade do patrimônio de um povos.

Na orientação sobre o racismo, respeita a diversidade do comportamento humano. Garante a integridade e a dignidade do ser ao expressar as suas emoções, os seus sentimentos e os afetos. Desta forma vincula os temas transversais, aos conteúdos e a cidadania. De perspectiva ampla, os temas trabalhados traduzem as preocupações do país. Contemplam a ética, o social, a pluralidade cultural, a orientação contra o racismo, a educação e o trabalho. O Projeto instiga o desenvolvimento de uma nova ética. Princípios que articulam o conhecimento a vida cidadã, formando hábitos e atitudes. Um novo pensar, uma nova postura diante da complexidade do mundo.

3.2 Ações e vivência do projeto

O projeto: “A escola e o quilombo do livramento: conhecendo e resignificando sua história” foi dividido em pré-atividades e etapas prováveis. A primeira trazia as ações que deveriam ser feitas pelos alunos e professores, tais como:

- ¹O grupo de memória trabalhará, com seis alunos, atuando na guarda de acervo ligadas a memórias e história do Livramento;
- Os jovens da comunidade escolherão 10 membros para serem entrevistados;
- As entrevistas serão realizadas por duplas ou trio;
- Será desenvolvida uma campanha para que todo material referente à história da comunidade – fotos, vídeos, jornais e tudo mais que serão produzidos pelos alunos, para ou sobre o Livramento, serão reservados em um espaço aberto a comunidade em geral para pesquisa.
- Os temas que se pretendem abordar serão tradição, união, solidariedade, viver e conviver em comunidade, hierarquia e família e aqueles importantes para a manutenção da tradição;
- Foram trabalhados como suportes: audiovisual, leituras de textos e ou palestra da comunidade.
- Houve aula passeio (visita em locos) para maior contato com a comunidade

¹ Parte retirada do projeto “A escola e o quilombo do livramento: conhecendo e resignificando sua história” realizado na Escola Estadual Nossa Srª do Bom Conselho no período de março a agosto de 2013.

A segunda foi “a exposição da pesquisa sobre as danças as origens do Quilombo, montagem de um mural informativo sobre diversos a respeito dos quilombolas, como: preconceitos, sucesso adquirido pelos afro-descendentes, religião, atitudes positivas e negativas de um cidadão negro e outros, mural referente a várias questões relacionadas aos negros e debate aberto sobre Apresentação da dança do coco.

A terceira foi a culminância do projeto com o objetivo de resgatar a finalidade social que é de garantir as novas gerações o domínio dos conhecimentos científicos e a construção de conceitos que possibilitarão a formação de habilidades cognitivas nos alunos e também, estabelecer relação desses conhecimentos e habilidades com os problemas vividos pela comunidade na qual está inserida, garantindo assim, a contextualização e aplicação do conhecimento.

Numa abordagem, de atenção à diversidade e à inclusão social, a educação apresenta-se como um fator importante de transformação social, em que novas propostas estão sendo desenvolvidas em torno de um ensino que atenda a todos os estudantes quanto as suas diferentes necessidades educacionais.

O projeto, ao qual se dá ênfase, teve como princípio a qualidade para todos, que valoriza a educação baseada na heterogeneidade, proporcionando aos alunos a convivência com a diferença e com os conflitos que essa convivência pode ocasionar, dando oportunidade aos alunos de gerirem seus próprios conhecimentos e conflitos de acordo com suas necessidades e capacidades. Proporcionando a toda comunidade escolar o direito de participação em todos os mecanismos da escola, onde alunos e comunidade vivem e praticam a democracia.

Esse trabalho foi inspirado nos princípios democráticos, na tentativa de proporcionar um ensino de qualidade que respeita a diversidade e o ritmo de aprendizagem de cada aluno. Trabalhando no desenvolvimento das habilidades que os alunos devem atingir no final de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais.

Freire (2000) diz que experiências não se transplantam, elas se reinventam. Em uma profunda reflexão sobre essas sábias palavras do mestre Freire, surgiu ideia de implantar uma sementinha de autonomia e democracia em sala de aula de uma escola pública, de acordo com a realidade da educação no município e principalmente na escola onde os projetos estão sendo desenvolvido. Eles têm princípios democráticos que envolvem a autonomia dos alunos dentro da sala de aula, infelizmente ele não abrange a escola inteira e nem a comunidade local.

3.3. Estratégias utilizadas para realizar as observações

Conforme foi mencionado anteriormente, realizou-se a pesquisa na Escola Estadual de Educação Básica Nossa Senhora do Bom Conselho; como já faço parte da referida escola a um longo tempo, tudo ficou mais fácil, no sentido de já conhecer o quadro de pessoal, secretaria, direção, supervisão, professores, bem como o contexto da escola, ou seja, número de alunos, ano/séries e outros.

A observação foi do todo, atividades desenvolvidas em salas de aula, aula passeio, na biblioteca e em outros ambientes que se julgam necessários para aumentar o conhecimento mas sem perder de vista o nosso foco maior, ou seja, o trabalho com a diversidade cultural e com isso se teve a oportunidade de acompanhar e de avaliar as atividades dentro e fora da escola conectado a um contexto maior das atividades com projetos e em especial o projeto: “A escola e o quilombo do livramento: conhecendo e resignificando sua história”.

Então, diante desse novo olhar, um olhar mais diagnóstico e investigativo, mediante uma escuta atenciosa e crítica para realizar as devidas observações. Às vezes, fotografadas algumas situações para que ficasse mais fácil lembrá-las, bem como para análise posterior. E, durante todas as atividades, registrar o máximo de observações.

Por ter a pesquisa como enfoque principal, as contribuições da Pedagogia de Projetos no trabalho com a diversidade cultural; entre a finalização foi realizado entrevistas, através de questionário, com alguns alunos do 1º e 2º ano do Ensino Médio e também com professores e agentes administrativo, acerca dos conhecimentos que detinham sobre a Pedagogia de Projetos, suas opiniões sobre as vantagens ou desvantagens em se trabalhar a partir de projeto e suas contribuições no trabalho com diversidade cultural.

Por fim, iniciou-se a análise dos dados da entrevista, procurando sempre se deter nas informações fornecidas, para poder articulá-las de forma a compor uma redação única, fruto de tudo que foi dito ou escrito pelos alunos, professores e administradores tendo em algumas partes da entrevista depoimentos de entrevistados.

A pesquisa foi realizada com alunos, professores da já mencionada anteriormente por ser uma escola Pública de Ensino Fundamental II e Médio, por considerar que a escola, embora esteja localizada no centro da cidade, consiga reunir alunos de diversas realidades econômica, social e cultural.

No que se refere à quantidade de alunos envolvidos na pesquisa, corresponde um total de 128 alunos. Os sujeitos da pesquisa são alunos do 1º e 2º ano do Ensino Médio. Também foram envolvidos na pesquisa 08 professores da referida escola.

Iniciaram-se os contatos, para realizar a pesquisa, primeiramente pedindo autorização à direção da escol. E, no contato com os professores, foi orientado como seria a pesquisa, qual o público alvo (alunos do 1º e 2ºano Médio) e solicitado ajuda na aplicação do questionário aos alunos de acordo com os horários de aula e disponibilidade do professor em ajudar. A coleta de dados foi feita em dois períodos, no diurno e noturno.

A dinâmica da pesquisa com os alunos ocorreu apenas com a aplicação do questionário com questões de múltipla escolha, sendo que poderiam marcar apenas uma alternativa e dessa forma saber a percepções deles a respeito do preconceito e discriminação racial na escola e da classificação quanto à cor/raça, uma vez que o projeto escolhido abordava essa temática.

3.3.1 Entrevista individual com alunos

O questionário que foi usado para entrevistar alunos e professores era composto de 10 questões as quais tinham múltiplas escolhas. A primeira questão referiu-se a classificação racial, os alunos marcaram qual a cor/raça eles consideravam pertencer, tendo 5 opções para declarar. Na classificação racial foi utilizado as categorias branco, amarelo, pardo, indígena e preto, busquei com isso considerar as categorias utilizadas pelo IBGE.

Considerando-se que a categoria em que possui elementos pardos, representa um intermediário entre o preto e o branco, tornou-se, então necessário a composição da mesma e dessa forma garantir a diversidade de cores que de uma forma geral represente os sujeitos envolvidos. Conforme a classificação, feita através do questionário, em relação aos alunos ficaram divididos em 16 brancos, 08 amarelos, 76 pardos, 13 indígenas e 15 pretos. Vale ressaltar que nas duas categorias (amarelo e indígena) foram utilizadas baseando-se nas categorias no IBGE, mais observando os entrevistados não percebi as características que indicassem tal classificação, embora tenham marcado as alternativas.

As outras questões do questionário trazem no seu bojo reflexões relativas ao cotidiano escolar, tendo em vista que há convívio social e as pessoas se relacionam mutuamente e dessa forma podemos refletir e estudar as relações estabelecidas, bem como, as raciais. Quanto a questão 2, que se refere à compreensão de si mesmo diante dos outros, 86,5% marcaram a opção (A) que são amigos de todos, independente da cor/raça, religião e condição social. No que se refere à opção (D), se vitima de preconceito, somente 5% marcaram a opção. Reflexões sobre o preconceito são necessárias, na medida em que a escola pode e deve contribuir para discutir e solucionar as situações vivenciadas no contexto escolar.

Na questão 3, a intenção foi de procurar saber o que os alunos compreendiam de preconceito, no sentido geral da palavra. Apenas 40% dos alunos marcaram a opção (B) que considera que É um “juízo” preconcebido, manifestado geralmente na forma de uma atitude “discriminatória”, perante pessoas, lugares ou tradições considerados diferentes ou “estranhos”. Os demais marcaram outras opções com menor índice em relação à letra citada.

Já na questão de número 4, a qual se refere à expressão verbal, uma grande parte dos alunos se negou a marcar as alternativas, e os que responderam, marcaram a opção (D) esta foi a de maior aceitabilidade, e diz que nem sempre quando se fala algo relacionado ao negro, quer dizer que sejamos preconceituosos. Nessa questão apenas 104 alunos marcaram as opções, dos 128 que responderam no questionário. Dos 104, 46 optaram pela letra (D) e os demais marcaram as demais alternativas.

O estudo da história dos afro-descendentes está contida e também assegurada nos PCNS e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, mas nem sempre a escola aborda a temática como a devida amplitude que merece.

No questionário também foi realizada uma pergunta a qual tinha como objetivo saber como geralmente a história do negro era estudada na escola, dos 121 alunos que responderam a questão, 42,1% responderam que estudavam sobre o negro na Disciplina de História, e entre 33 e 34 alunos marcaram que não era estudada ou apenas nas datas comemorativas (abolição da escravatura e no dia da consciência negra).

Em se tratando do racismo, obteve-se a seguinte resposta 50% dos 124 estudantes que se encarregaram de responder a questão, escolheram a opção (B), que diz que é evidente que as desigualdades raciais ocorrem em nossa sociedade. Mas 21%, que representa 27 alunos acreditam que não existe racismo, que todos são tratados de maneira igual e apenas 13 alunos marcaram a opção (D) que correspondia a não saber nada sobre o assunto.

Na questão 07 que aborda os comportamentos racistas dentro e fora do ambiente escolar, 120 alunos fizeram opções e consideram esta a mais pertinente e 08 não marcaram nada. A opção (A) foi a que mais marcaram 85,8% consideraram que não deve existir, pois devemos respeitar e conviver com as diferenças. Os demais que corresponde a 17 alunos marcaram as outras opções e desses 11 marcaram a opção(B) que diz que desrespeitar o outro por ser diferente de nós é comum na nossa sociedade.

As questões de maior ênfase e que destacam as situações voltadas para o racismo, a discriminação ou alguns comportamentos que possam macular a dignidade de alguns são a 9º e 10º. No caso da nona, foi perguntado aos alunos se já presenciaram comportamentos

considerados racistas. Das duas opções que os alunos mais marcaram (A e C), representam 96% dos 21 entrevistados, e a letra (A) diz que muitas vezes e isso faz parte do cotidiano escolar e a (C) que sim, e com pessoas próximas a eles e que isso os deixou muito perplexo, já que vivemos em um país de uma imensa diversidade cultural.

No tocante a questão 10, quando se pergunta qual é realmente o papel da escola em relação ao racismo, obteve-se o seguinte resultado, apenas 118 alunos responderam a questão e 10 deixaram em branco. Mas a opção (A) foi a que os alunos mais marcaram 56,7% dos entrevistados e diz que deve promover a discussão coletiva sobre o racismo e outras práticas preconceituosas, com a participação de todos (alunos, professores e equipe escolar) e letra (C), que corresponde a Conscientização de todos sobre a importância do negro e sua história, os demais marcaram as outras opções.

Diante do exposto e conforme dados apresentados no questionário destinado ao corpo discente da escola, constatou-se que os alunos acreditam que não devam existir comportamentos racistas e que se deve respeitar a todos com suas diferenças e que a disciplina de História sozinha não consegue abordar a temática em estudo.

Só que nas outras questões, percebe-se na escola existe, com clareza, a presença de comportamentos que se podem considerar totalmente racistas, uma vez que as evidências se concretizam nas respostas de algumas questões como e o caso da que se refere à expressão verbal, onde alguns escolheram a alternativa que concretiza o racismo: que é comum ouvir “brincadeiras” do tipo: Você é feio (a) porque é preto(a), sai daqui negão, cabelo de Bombril e outros para referir-se ao negro, que muitas vezes isso faz parte do cotidiano social e escolar ou com pessoas próximas a eles, que os deixaram muito perplexo, já que vivemos em um país de imensa diversidade cultural.

3.3.2 Visão dos professores sobre as discriminações

Após o diagnóstico obtido quanto as percepções dos alunos, a respeito das questões relacionadas a discriminação, o objetivo seguinte é saber como os professores observam e lidam com situações envolvendo a problemática em estudo. Permanecendo como instrumento de pesquisa, o questionário, foi apresentado aos professores e 08 participaram, sendo os mesmos do ensino médio (1º e 2º ano), das diversas disciplinas existentes.

Para saber o que os professores entendiam sobre a temática que estava sendo estudada, foram escolhidas questões mais ou menos iguais ou parecidas com as que foram apresentadas aos estudantes e outras voltadas para exclusivamente para o corpo docente que compõem a Escola Nossa Senhora do Bom Conselho. As questões que diferenciam foram algumas que tratam do currículo escolar, as diversidades entre grupos etno-culturais, o que a escola precisa fazer para fortalecer o relacionamento harmonioso, aceitação das diversidades étnica e o respeito às diferenças, o que o acervo da biblioteca tem de materiais ligados a temática, quanto à capacitação dos professores em relação à questão racial e o que fazer diante de uma situação de discriminação.

Todas as questões direcionadas aos professores também foram de múltiplas escolhas, com perguntas fechadas e que deveriam marcar uma única opção, entre (A, B, C e D), das 10 questões propostas que foram respondidas no momento do recreio ou deixada para o professor responder com calma em casa e que se realizou na mesma semana. As questões que permaneceram iguais as dos alunos foram pensadas para saber a visão dos professores sobre a mesma situação ou semelhante, como por exemplo, a que diz respeito ao estudo da história envolvendo o negro, e novamente se confirma dentre as opções mais votadas pelos alunos, que é estudada nas datas comemorativas como: Abolição da Escravatura, em agosto, mês dos folclores e no dia da consciência negra. Nessa situação 05 professores dos 08 que participaram da pesquisa, marcaram a opção citada, que representa 62,5% dos entrevistados.

No que se refere a questão 2, que referenda de como deve ser tratada questões que envolvem a discriminação racial, 71,4% dos professores, marcaram a opção (A) que deve ser tratada no contexto Pedagógico pela escola e outras marcaram que deveria ser quando por ventura se evidenciasse na escola. Nesse sentido a escola tem a responsabilidade de tratar a temática inicialmente com estudo envolvendo os professores inicialmente para que haja um entendimento mais profundo sobre o assunto e dessa forma possam lidar melhor com situações envolvendo o racismo.

Na questão que faz alusão ao que o currículo da escola alvo desta pesquisa, 6 marcaram a letra (C), esclarecendo que o currículo trabalhado com os alunos trata apenas da cultura indígena e a negra. E, que apenas 2 marcaram a opção (D), que diz que ignora a realidade plural e apresenta um caráter monocultural. De todas as opções que foram marcadas, a que mais se destacou foi a letra (C).

Como a escola Nossa Senhora do Bom Conselho age mediante as questões raciais. As opiniões ficaram bem divididas, entre às letras (A) e (D) a maioria marcou que a escola age de forma neutra no que se refere às questões sociais, deixando que os professores trabalhem de

acordo com os conteúdos das áreas e que tem procurado investir na formação para melhor tratar as questões raciais. E 02 (14,2%) dos professores marcaram a opção (B), que a escola avalia e reavalia constantemente a prática da escola e reflete sobre valores e conceitos apresentados em relação ao negro e sua cultura para conscientizar os alunos da importância.

Em relação à questão 6, no sentido de saber o que a escola pretende fazer para fortalecer a relação para que se torne harmoniosa, quanto a aceitação da diversidade étnica e o respeito a diferença, a maioria dos professores marcaram a opção (C), que é dar maior ênfase ao conhecimento sobre as heranças culturais brasileiras, os demais optaram pelas letras (A) Preguar que todos devem se orgulhar de pertencer a uma determinada raça e a (D) que é proporcionar momentos de reflexão a cerca do assunto.

Em se tratando da questão 7, que se refere ao que pensavam em relação a expressão verbal, 57,1% dos entrevistados, assinalaram a opção (B), que às vezes é melhor usar o eufemismo para referir-se as etnias dos alunos e dessa forma não ofendê-los diretamente, nenhum marcou que a linguagem não tem o poder de influenciar as questões raciais.

No que se refere à questão 8, que fala a respeito do acervo da escola, os entrevistados marcaram com relevância que tem alguns livros que trata do assunto em estudo, somente 1, marcou que a instituição de ensino tem uma quantidade suficiente de livros que falam a respeito da questão racial. E, no que se refere à capacitação de professores em relação ao assunto em debate, 50% dos entrevistados, marcaram a opção (D), que é necessário fazer um estudo mais aprofundado sobre o assunto e depois realizar com a equipe. E se tratando da última questão (11º) a qual se referente ao que fazer diante de uma situação de discriminação, obteve-se a resposta de que 78,5%, marcaram a opção (C), que é deixar claro que todos são diferentes uns dos outros e devemos conviver e respeitar as diferenças e 21,5%, marcaram a opção (B), que é agir de forma harmônica, para contornar a situação, dizendo que nem as pessoas querem ofender ou outros, por isso podemos pedir desculpas a quem foi ofendido.

Diante das questões marcadas por alguns que compõem o corpo docente da escola, que em sua maioria deixaram claro, que a escola aborda a história do negro somente nas datas comemorativas, mas que as questões que envolvem o racismo, precisam ser tratadas pedagogicamente pela escola, o que nos leva a perceber a necessidade de uma melhor atenção na temática relacionadas às questões raciais. Os professores mostraram-se bem divididos em relação ao agir da escola quanto aos comportamentos racistas, pois marcaram que a escola age de forma neutra, deixando por conta dos professores o estudo sobre o racismo dentro das áreas e outros que a escola tem procurado investir em sua formação para melhor tratar as questões raciais, o que não nos permite uma resposta da maioria dos entrevistados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Ao término desta pesquisa se pode avaliar que uma escola de qualidade para todos, que respeita o indivíduo com suas diferenças e limitações que trata o aluno como agente de sua própria aprendizagem, até parece uma utopia, mas não é, acontece, sem dúvida, uma revolução no sistema de ensino com capacidade de proporcionar a escola sonhada por todos.

A escola reinventada, que rompe paradigmas e todos os princípios da escola tradicional apresentando uma nova concepção de educação, uma educação com o princípio de que não é possível ensinar a todos como se fosse um só, libertando-se das classes, dos manuais e testes de aprendizagem, onde o professor almeja que os alunos aprendam melhor, descubram-se como pessoas, que vejam o outro como pessoa e sejam felizes na medida do possível.

Escola que os professores unidos assumem o papel de participantes e não do centro das atenções, orientam o processo de aprendizagem organizam atividades juntamente com os alunos com o objetivo de desenvolver estruturas cognitivas num “aprender fazendo” e no “aprender a aprender”, ajudam a resolver problemas, estimulam as crianças e confiam em suas potencialidades. Consideram a criança como agente de sua aprendizagem, proporcionando atividades de exploração e de pesquisa, num processo significativo.

Sabe-se que é através da valorização da aprendizagem que se adquire um conhecimento significativo e foi nessa perspectiva interdisciplinar, estimulando a procura de solução de problemas, de forma a que o aluno trabalhe conceitos, reelaborando-os aumentando sua autoconfiança e ascendendo a níveis elevados de autonomia que se conseguiu a confiança do alunado e um trabalho de qualidade que prepara o aluno para enfrentar as divergências de uma sociedade excludente.

O valor da autonomia na escola Nossa Senhora do Bom Conselho se encontra na sua democracia e transparências, na sua expressão máxima, os alunos são estimulados a exercê-la durante todo processo ensino aprendizagem, pois elaboram praticamente os seus currículos e aprendem a conduzir o tempo de trabalho, vivem a autonomia sendo assim aprendem a ser autônomos e cidadãos, aprendem a conhecer seus direitos e deveres.

A democracia com responsabilidade permeia em todos os princípios da educação, a comunidade escolar como um todo decide e compartilha todos os problemas e progressos da instituição, e os alunos como protagonistas dessa instituição aprendem e participam do Projeto Político Pedagógico da instituição escolar e são conhecedores o conteúdo previsto nos

parâmetros que regem a educação no país, e principalmente os princípios democráticos, contribuindo para a democratização de toda a sociedade.

A escola relatada nessa pesquisa, na cidade de Princesa Isabel – PB, podem ser consideradas inclusivas, ou seja, de qualidade para todos, perceberam que o fracasso de seus alunos, era culpa de um sistema ultrapassado e resolveram tentar uma transformação, que elevou seus alunos tidos como “fracassados” para o título de capacitados e emancipados. Mudaram toda a estrutura organizacional da escola tradicional, para uma versão contemporânea de educação, onde os alunos não são divididos por séries para participarem dos projetos e todos podem através da interação social buscar conhecimentos tendo como base a democracia solidária. Essa escola valoriza a diversidade, abandonando o conceito homogeneidade e transformando o conceito de diferença.

Nessa perspectiva que os alunos da escola Estadual de Educação Básica Nossa Senhora do Bom Conselho são educados através da autonomia, com uma liberdade que exige a responsabilidade, aprendem distinguir entre liberdade e libertinagem, que sua liberdade começa onde começa a liberdade do outro, exercer sua cidadania desde a sua chegada a escola reconhecendo o poder da verdadeira democracia.

Chega até a se pensar ou se interrogar se esta escola a qual é alvo desta pesquisa, não é capaz de proporcionar aos seus alunos os conhecimentos necessários para a continuidade de sua vida acadêmica, porém a preocupação na construção do conhecimento científico permeia todo o currículo onde o aluno é incentivado a elaborar seu próprio conhecimento de acordo com seu interesse, sendo assim a aprendizagem se torna prazerosa, pois os conteúdos não são impostos e o aluno sabe sua importância fora das paredes da escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli (org). **Pedagogia das diferenças na sala de aula**. Campinas: Papirus, 1999.

AUSUBEL D, NOVAK JD, HANESIAN H. **Psicologia Educacional**. RJ: 1980 Interamericana. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm. Acesso 07/07/08.

ALMEIDA, Fernando José de, FONSECA JR, Fernando Moraes. **Projetos e ambientes inovadores**. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed. 2000.

ARROYO, Miguel G. **Experiências de Inovação Educativa: o Currículo na Prática da Escola**. In: MOREIRA, Antonio Flávio B. (org.). Currículo: Políticas e Práticas. Campinas, SP: Papirus, 1999.

BRASIL. **Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 10 volumes, 1997.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. S Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** – Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997

DEMO, Pedro.. **Inclusão digital - cada vez mais no centro da inclusão social**. 1998 Disponível em: <http://revista.ibict.br/inclusao/index.php/inclusao/article/view/4/7>. Aceso em 08 de outubro de 2008.

DEWEY, John. **Vida e Educação**. 9ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1975.

ESTATUTO DA IGUALDADE RACIAL - Lei 12288/10 | Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010

FERRIRA, Rosangela V. J. NEVES, Tereza C. F. **Os paradigmas da exclusão e da inclusão na prática escolar**. : Disponível em (<http://www.se.pjf.mg.gov.br/escolas/cosette/artigos/artigo2.doc>). Acesso em: 15 de jun. 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. (2ª ed.) RJ: Ed. Paz e Terra. 2000

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários á pratica educativa**. (11ª ed.) São Paulo: Paz e Terra. 1999.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul. 2000.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e diversidade cultural: refletindo sobre as diferenças presentes na escola.** 1999. Artigo publicado no site: www.mulheresnegras.org/nilma Acessado em: 28/08/2008.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

IBGE. **Censo Demográfico 2000**, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2001.

LEITE, Lúcia H. A. (Org.). **Projetos de trabalho: repensando as relações entre escola e cultura.** Belo Horizonte: Balão Vermelho, 1998. (Cadernos de Ação Pedagógica)

LOURENÇO FILHO, Manuel B. **Introdução ao estudo da escola nova: bases, sistemas e diretrizes da Pedagogia Contemporânea.** 12ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

IBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola: Teoria e Prática.** Ed. 5. Goiânia: Alternativa, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola Pública A pedagogia crítico-social dos conteúdos.** São Paulo: Loyola, 1991.

LIMA, Antonio A. D. **Diversidade Cultural.** Disponível em: (http://portal.unesco.org/en/ev.phpURL_ID=10238&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html). Acesso em: 03 de abr. 2007.

MACEDO, Sidnei R. **Currículo: campo, conceito, pesquisa.** Petrópolis: Vozes, 2000.

MARTINS J. 1988 **Didática Geral: fundamentos, planejamento, metodologia, avaliação/** Jose do Prado Martins. SP Atlas. 1998.

MONTYSUMA, Hildo C. F. **Elementos para construção de escola do povo para o povo.** Disponível em: (<http://www.see.ac.gov.br/arquivos/em/hildo/Gestao%20Hildo.pdf>.) Acesso em: 20 abr. 2007.

MOREIRA, Antonio F. B.; CANDAU, Vera M. **Educação escolar e cultura (s): construindo caminhos.** Disponível em: (http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/?IsisScript=SciELOXML/sci_arttext.xis&def=sciELO.def&pid=S14132478200300020001http://www.anped.org.br/reunioes/26/trabalhos/aldajudithalvesmaztti.rtf). Acesso em: 20 de abr. 2007.

MORIN, E. **Introdução ao Pensamento Complexo.** Lisboa: Instituto Piaget. 2001.

MORAIS, J. L. B. de. **As crises do estado e da constituição e a transformação espacial dos direitos humanos.** Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2006.

NAUJORKS, Maria Inês. **Stress e Inclusão: indicadores de stress em professores frente a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais.** Disponível em:

(<http://www.pedagobrasil.com.br/educacaoespecial/stresseinclusao.htm>). Acesso em: 05 de Abr 2007).

NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. Pedagogia dos projetos: uma jornada interdisciplinar rumo desenvolvimento das múltiplas inteligências. São Paulo: Érica, 2001.

PERRENOUD, Philippe. A pedagogia na escola das diferenças: fragmentos de uma sociologia do fracasso. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

PIAGET, J.. A linguagem e o pensamento da criança. Lisboa: Moraes. 1973.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, Escola Estadual de Educação Básica Nossa Senhora do Bom Conselho, ano, 2013.

VYGOTSKY L, Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes. 1994.

WALLON, H.. As origens do caráter na criança. São Paulo: Difel. 1973

Anexo I**QUESTIONÁRIO PARA ALUNOS**

Assinale a alternativa que você considera a correta:

1. Quanto aos aspectos relacionados à cor/raça, Como se considera:

- (A) Branco
- (B) Amarelo
- (C) Pardo
- (D) Indígena
- (E) Preto

2. Na escola Est. De Educ. Básica Nossa Sr^a do Bom Conselho, você se considera:

- (A) Amigo de todos independente da cor/raça, religião e condição social.
- (B) Diferente de todos, pois cada um tem sua particularidade.
- (C) Melhor que os outros, já que tenho tudo que desejo.
- (D) Vitima do preconceito por ser diferente.

3. Como você conceitua "Preconceito"?:

- (A) Considerar-se melhor que o outro.
- (B) É um "juízo" preconcebido, manifestado geralmente na forma de uma atitude "discriminatória" perante pessoas, lugares ou tradições considerados diferentes ou "estranhos.
- (C) Ter atitudes individualistas, pensando e agindo de acordo com seus interesses.
- (D) Considerar que todos são iguais perante a lei.

3. Nas expressões verbais no sentido discriminatório:

- (A) É rotineiro ouvir "brincadeiras" do tipo: sai daqui negão, você é feio(a) nego(a) cabelo de Bombril e outros para referir-se ao negro.
- (B) A linguagem não tem influência direta nas questões raciais.

(C) Na verdade a linguagem usada no dia-a-dia da escola influencia diretamente nas questões relacionadas ao racismo ou discriminação.

(D) Nem sempre quando se fala algo relacionado ao negro, quer dizer que sejamos preconceituosos.

5. Costumeiramente a história relacionada ao afro-descendente é estudada:

(A) Na disciplina de História.

(B) No dia da Abolição da escravatura, em agosto, mês do folclore, e no dia da Consciência Negra.

(C) Não é estudada.

(D) Como conteúdo , nas várias disciplinas que possibilitam tratar o assunto.

6. Em se tratando da discriminação racial você acha que:

(A) Não existe. E, que todos são tratados de maneira igual.

(B) É evidente que as desigualdades raciais ocorrem em nossa sociedade.

(C) Observa-se um cenário preocupante de crescimento dos conflitos raciais e étnicos.

(D) Não sei nada sobre o assunto.

7. Quanto aos comportamentos discriminatório racial você acha:

(A) Que não deve existir, pois devemos respeitar e conviver com as diferenças.

(B) Desrespeitar o outro por ser diferente de nós é comum na nossa sociedade.

(C) É claro que atitudes que diz que um povo tem naturalmente tendência a defender a sua identidade denegrindo a dos outros sempre existiu.

(D) Abominável já que temos uma sociedade que se diz antirracista.

8. Na sua opinião, qual é a cor do racismo?

(A) Não tem cor. Simplesmente existe.

(B) Amarelo. E tem olhos puxados, sorri muito e luta caratê.

(C) Preto. Porque se é ruim, é preto.

(D) branco-alemão-careca. Porque se é ruim, é preto.

9. Quanto aos comportamentos considerados racistas, Você já presenciou algum?

- (A) Muitas vezes e isso faz parte do cotidiano social e escolar.
- (B) Nunca presenciei e considero abominável tal atitude.
- (C) SIM. E com pessoas próximas a mim, e isso me deixou muito perplexo, já que vivemos em um país de uma imensa diversidade cultural.
- (D) Não existe.

10. Na sua opinião qual o papel da escola em relação ao racismo?

- (A) Deve promover a discussão coletiva sobre o racismo e de outras práticas preconceituosas, com a participação de todos (alunos, professores e equipe escolar).
- (B) Discutir sobre racismo apenas na disciplina de História, já que estuda a história de todos os povos.
- (C) Conscientizar a todos sobre a importância do negro e sua história.
- (D) Exaltar alguns negros que são referências para a história como: Pelé, Barack Obama, cantores de samba e outros.

Anexo II

QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES

Marque a alternativa que corresponde à realidade do seu ambiente escolar:

1. O tema envolvendo a história do afro-descendente é abordada na escola:

- (A) Nas datas comemorativas como: Abolição da Escravatura, em agosto, mês do Folclore, e no dia da Consciência negra.
- (B) Em forma de conteúdo, dentro das áreas que possibilitam tratar o assunto;
- (C) Em projetos elaborados pela escola.
- (D) Não é estudada.

2. Em relação as questões que envolvem a discriminação racial devem ser tratadas:

- (A) No contexto Pedagógico pela escola.
- (B) Pelos movimentos ligados a questão social.

(C) De acordo com casos que por ventura se evidencie na escola.

(D) Como se não houvesse, para evitar muitos problemas entre docentes e discentes.

3. Quanto ao currículo trabalhado na instituição de ensino:

(A) Tem como base as contribuições dos europeus e de acordo com os livros didáticos;

(B) É baseado em metodologia que ressalta de forma positiva a diversidade;

(C) Apresenta aos alunos a cultura indígena e negra;

(D) Apresenta um caráter único culturalmente e ignora a realidade plural

4. Em relação à Escola Nossa Senhora do Bom Conselho:

(A) Age de forma neutra no que se refere às questões sociais, deixando que os professores trabalhem de acordo com os conteúdos das áreas.

(B) Avalia e reavalia constantemente a prática da escola e reflete sobre os valores e conceitos apresentados em relação ao negro e sua cultura para conscientizar os alunos da importância.

(C) Tem pouco conhecimento para posicionar-se de forma crítica no que se refere à cultura negra.

(D) Tem procurado investir em sua formação para melhor tratar as questões raciais.

5. Quanto às diversidades entre grupos etnoculturais:

(A) Não são tratados, pois pode gerar conflitos.

(B) É importante elaborar algumas reflexões no que diz respeito às relações entre os grupos culturais estabelecendo a socialização das mesmas.

(C) São manifestadas como parte da diversidade cultural brasileira.

(D) Não podemos ignorar as difíceis questões do multiculturalismo, das diferenças de raça, gênero, etnia, sexuais, religiosas, de linguagem, de região e da ética.

6. Para que a escola possa fortalecer um relacionamento harmônico, para que haja a aceitação da diversidade cultural e o respeito às diferenças deve:

(A) Pregar que todos devem se orgulhar de pertencer a uma determinada raça.

(B) Não dar devida atenção para as visões estereotipadas em relação ao negro presente nos livros didáticos, nas produções e em outros textos do material didático existente.

- (C) Dar maior ênfase ao conhecimento sobre as heranças culturais brasileiras.
- (D) Proporcionar momentos de reflexão a cerca do assunto.

7. Em relação à expressão verbal:

- (A) A linguagem não tem o poder de influenciar diretamente nas questões raciais.
- (B) As vezes é melhor usar o eufemismo para referir-se as etnias dos alunos e dessa forma não ofendê-los diretamente.
- (C) Com certeza a linguagem usada no dia a dia da escola pode influenciar nas questões relacionadas ao racismo e a discriminação.
- (D) É preciso não dar atenção a linguagem de pessoas preconceituosas.

8. A escola Nossa Senhora do Bom Conselho, quanto ao acervo da biblioteca:

- (A) Tem uma variedade suficiente de livros que tratam da questão racial;
- (B) Não verificamos se há livros que tratam da temática.
- (C) Temos alguns poucos livros que se referem à questão racial.
- (D) Não temos livros que tratem sobre a temática;

9. Quanto à capacitação dos professores em relação à questão da discriminação:

- (A) Sempre que possível fazem cursos ou grupos de estudo sobre a questão.
- (B) Ainda não realizaram estudo sobre o assunto.
- (C) Incorporamos o assunto nos encontros de estudo e principalmente nos encontros pedagógicos e momentos das formações da equipe.
- (D) É necessário fazer um estudo mais aprofundado sobre o assunto e depois realizar com a equipe.

10. Diante de uma situação de discriminação deve-se:

- (A) Não fazer nenhum comentário para evitar possíveis transtornos.

(B) Reagir de maneira harmônica, para contornar a situação, dizendo que nem sempre as pessoas querem ofender os outros, por isso podemos pedir desculpas a quem foi ofendido.

(C) Deixar claro que todos são diferentes uns dos outros e devemos conviver e respeitar as diferenças.

(D) Agir de forma energética, punindo de forma severa quem ofender o outro por conta de ser diferente.



Foto 1 - Alguns dos alunos envolvidos no projeto escolhido



Foto 2 - Alunos na aula passeio. Visitando o Quilombo do Livramento



Foto 3 - Palestra com uma afro-descendente



Foto 4 - Palestrante convidada Margarete Morais



Foto 5 – Professoras idealizadoras do projeto



Foto 6 - Alunos no Quilombo do Livramento